

Novella Almeida

Publicação
trimestral

NESTE NUMERO :

Conto do Natal, por Abilio Barreto.

Maria da Gloria, por Mario Casasanta.

Espirito indiscreto, por Moacyr Andrade.

Coração de Mãe, por Borja de Almeida.

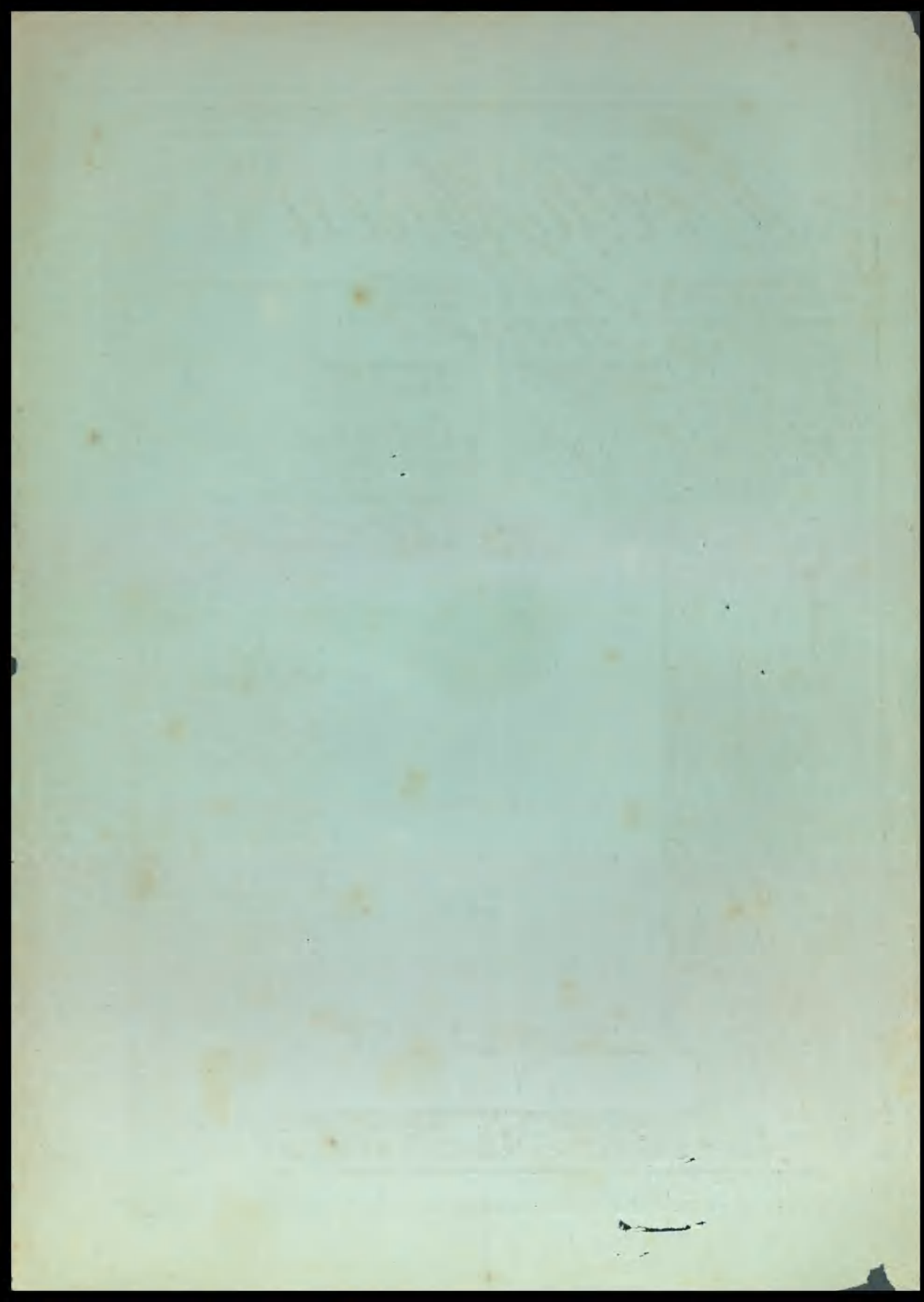
Ponto Final, por Anibal Mattos.

SUPLEMENTO

Fasciculo V (Vol. I) Janeiro de 1922

Tiragem de 5.000 exemplares

Preço \$500



14234

C. 171 F - 001
1922. 01. 00
Fascículo V

8 NOVELLA MINEIRA 8

Fascículo V (do 1.º volume) — Janeiro 1922

	PAGINAS
CONTO DO NATAL	
Por ABILIO BARRETO.	121
MARIA DA GLORIA	
Por MARIO CASA SANTA... ..	124
ESPIRITO INDISCRETO	
Por MOACYR ANDRADE	126
CORAÇÃO DE MÃE	
Por BORJA DE ALMEIDA... ..	128
PONTO FINAL	
Por ANIBAL MATTOS.. ...	130
SUPPLEMENTO	143

NUMERO MENSAL: 500 REIS

ASSIGNATURA (10 fasciculos -- 1.º volume) 5\$000

Red. e administração : *Rua da Bahia, 1.210* -- BELLO HORIZONTE -- MINAS

ACABAM DE APPARECER:

OS BORRACHOS

ADMIRAVEL LIVRO DE NOVELLAS DE SILVA GUIMARÃES

IDÉAS E COMMENTARIOS

LIVRO DE BELLISSIMAS CHRONICAS DE MARIO DE LIMA,
DA ACADEMIA MINEIRA

CANÇÃO DA PRIMAVERA

PEÇA EM TRES ACTOS, DE ANIBAL MATTOS

A' venda na redacção da Novella Mineira e em todas as livrarias

A APPARECER:

“Quem deve perdoar”, peça de ANIBAL MATTOS

GEISHA

O pô de arroz GEISHA é inoffensivo, medicinal e adherente
**O crême GEISHA faz desaparecer as espinhas, manchas
sardas e cravos**

A' venda nas pharmácias e em todas as casas de primeira ordem

Agente Geral:
ANTONIETA BRAGA

CAIXA POSTAL, 80
BELLO HORIZONTE

JUBRETINA

Maravilhoso medicamento vegetal para Molestias do fígado

As pessoas que sentem peso, dores, empachamento ou sensação de fraqueza no estomago, molleza no corpo, bocca amargosa, lingua saburrosa e azia, e as que estiverem soffrendo de ictericia (*amarelidão nos olhos e na pelle*), sentem um grande bem estar, quando tomam JUBRETINA, e, com o seu uso, ficam radicalmente curadas desses incommodos.

A prisão de ventre é combatida pela JUBRETINA, evitando-se o emprego de pilulas purgativas. NO IMPALUDISMO, além dos saes de quinino, torna-se indispensavel o uso da JUBRETINA.

A' venda nas principaes pharmácias

Pedidos a Antonieta Braga

CAIXA POSTAL 80

BELLO HORIZONTE



NOVELLA MINEIRA

DIRECTORES | ANIBAL MATTOS e
OSWALDO DE ARAUJO

Redacção e administração — RUA DA BAHIA N. 1.210

Conto do Natal

POR ABILIO BARRETO

Os dois amigos sentaram-se em torno de uma das mesinhas do *bar*, pediram *Madeira* e proseguiram na conversação que traziam entabulada:

— Então, não irás mesmo ao festim da Diva? — perguntou Mercúcio.

— Definitivamente não irei — respondeu Manfredo.

Mas porque? — inquiriu o primeiro.

Pois tu, camaradão às direitas para as boas troças...

— Que queres? E' preciso ter o homem força de vontade... Deliberei não ir e não irei mesmo.

— Pois olha: vae perder... Vae ser um sarau de arromba, cheio de requintes... O commendador viajou e teremos, entre outras *estrellas*, a Martha, a Liseth, a Carmen, a Nini... o succo...

E' realmente suggestivo o programma...

— E então?

— Não irei.

— Ora bolas! Diabos me levem si te entendo! E que pretendes fazer nesse dia?

— Passarei o Natal com a familia, muito singela e burguezmente.

— Deveras?

— Palavra d'honra.

— Mas quem te incutiu no cerebro semelhante idéa tresandando a velha moral aposentada?

—A Queridinha. Entre um sorriso e um beijo, pediu-me que a levasse a ver os presepios no dia de Natal. Estava num dos meus bons momentos e não só prometti satisfazer o justo desejo de minha filha, como protestei, a mim mesmo, dedicar-me, nesse dia tradicional, exclusivamente á familia.

—Ora, as creanças... *Garçon*: outra dose.

—As creanças, meu amigo, são, muitas vezes, o anjo tutelar dos paes, sobretudo no Natal. E se todas o são, que direi da Queridinha, aquella synthese de toda a meiguice, de toda a graça, que considero o meu maior thesouro neste mundo?

—Sim, a queridinha é um encanto, mas a tua idéa de não ir ao brodio é piegas.

—Seja piegas, seja o que quizeres; mas o que não conseguiram jamais as constantes e justas recriminações de minha mulher, conseguiu-o agora um simples pedido de minha filha: neste natal pertencerei á familia.

—A familia... Ora, a familia tendo uma mesa farta, boas *toilettes*, tudo de que precisa, deve estar satisfeita. Isso de andar o homem agarrado á familia já passou. O progresso aboliu essas velharias. A vida é curta e viver é vibrar... Eu, por exemplo, irei festejar o meu natal á moderna, nos braços da Diva, tranquillo e feliz, porque em casa todos gosam saude e ha fartura...

Nesse momento passava um bond: Manfredo deixou o amigo e deitou a correr.

11

No dia immediato, pela manhã, uma gloriosa manhã de sol, veio a crystalina voz de Queridinha despertar Manfredo, confundida com o canto dos canarios e das patativas, nas gaiolas da varanda. E' que os sapatinhos deixados por ella sobre o fogão estavam repletos de presentes de papae Noel e a creança lá andava a correr pela casa, numa alegria ruidosa, a exhibir o seu maravilhoso achado ao papá, á mamá e ás creadas. Como era natural, aquelle contentamento da filha povoou do mais intenso jubilo o coração dos paes.

Manfredo, que sempre paracera um extranho em sua casa, encontrava agora encanto original e indefinivel no lar agitado pela voz fresca de Queridinha, o loiro diabrete que o viera arrastar do leito antes das 7. Sentia-se bem humorado, completamente tranquillo, em absoluta paz com a consciencia no meio daquella harmonia do lar, que até aquelle dia não soubera gosar. Tinha a impressão de haver mudado de existencia ou de haver lavado o corpo e a alma num banho delicioso e purificador...

Os encantos e as virtudes da esposa haviam crescido a seus olhos.

Tinha para com ella extranhos enternecimentos. A casa parecia-lhe um céu; Queridinha, mais do que nunca, era um anjo.

Taes eram as impressões que experimentava em torno á mesa de café, quando a esposa lhe perguntou com meiguice:

—Porque não és sempre como hoje, Manfredo?

—Ora, pois não sou? respondeu um tanto contrafeito.

—Não... A não ser nos primeiros tempos de casados, é esta a primeira vez que assim te vejo...

Elle disfarçou, contornou o assumpto, poz-se a brincar com a filha.

Não falaram mais daquelle assumpto. A creada, num avental muito claro, servia a mesa. Pelas janellas e portas amplas entrava o sol matinal. Os canarios e as patativas continuavam tagarellando na varanda e Queridinha, saltando para o collo do pae, intimou:

—Olhe, papae: hoje quero ver muitos presepios.

III

Após o jantar, ás 18 horas, Manfredo, a esposa e a filha tomaram o automovel e foram visitar os presepios mais interessantes da cidade. Em seguida, como era cedo, assistiram a uma sessão de cinematographo; de sorte que, só ás 22 horas, dispunham-se a regressar á casa.

Lembrou-se, porém, Manfredo, que seria agradável terminar o passeio daquella noite indo tomar chocolate a um dos restaurants da avenida. A esposa e a filha applaudiram a idéa e os tres saltaram á porta do *Hig-life*.

Sem saber por que associação de idéas, durante o chocolate veio-lhe ao pensamento a festa que se estaria realizando em casa de Diva, e que áquella hora, andaria pelo auge... Mas a tagarelice de Queridinha desviou-lhe o curso dos pensamentos, de sorte que, quando saíram para de novo tomar o auto, elle já não pensava sinão no bem estar que sentia e que proporcionava aos seus.

Mas nesse instante sentiu que alguém lhe tocava no hombro. Voltou-se. Era um rapaz, louro, escanhado, que lhe segredou alguma cousa ao ouvido.

Manfredo, voltando-se para a esposa que o aguardava junto ao vehiculo, disse-lhe:

—Luiza, accommode-se com a Queridinha no auto enquanto eu falo a este amigo. E afastou-se, de braço com o rapaz louro, para um angulo da casa.

—Que caso grave é esse de que falas? Perguntou Manfredo.

—Um escandalo!... Uma desgraça!...

—Mas onde? Como?

—Imagina—resumiu o outro—que, em pleno festim da Diva, inesperadamente surge o commendador Liborio e assassina a amante nos braços de Mercucio... Houve gritos, desmaios, fugas por todos os lados...

E Mercucio?

—Sacou de um punhal para ferir o commendador quando recebeu um tiro, em pleno peito e cahiu exanime.

—Morreu?

—Ainda não. Acaba de ser conduzido pela Assistencia para a casa da familia.

—Então o commendador...

—Simulára uma viagem para colher a amante em flagrante traição... Mas está preso.

—Pobre Mercucio!

—Um escandalo e uma desgraça, meu amigo! A imprensa vae ter assumpto amanhã e quem mais me causa lastima é a familia do nosso commum amigo, vendo o seu chefe colhido nas malhas enxovalhadas e degradantes de um escandalo tal.

Dizendo isso, o rapaz escanhado despediu-se apressadamente. Manfredo esteve a pensar um momento, surpreso, abysmado, como que indeciso. Depois accendeu um cigarro, tomou o auto, sentou-se entre a filha e a esposa e, fazendo uma caricia nos cabellos de Queridinha, perguntou-lhe:

—E agora, senhora somnolenta, que mais ordena?

—Agora?... Para casa—respondeu a creança, aconchegando-se-lhe ao peito, enquanto o Studbaker deslisava silenciosamente pela avenida, rumo da Floresta.



Maria da Gloria

PARA ALBERTO CAMPOS

PARA FAUSTO JUNQUEIRA DE ANDRADE.

Talvez que te chames Maria da Gloria. Eu é que não sei. Mas preciso dar-te um nome qualquer. Dou-te o de Maria da Gloria.

Baptiso-te de Maria da Gloria.

Não é mesmo um nome bonito, não é? Não te fica bem aos teus pobres e magros e frageis quatorze annos—esse bonito nome de Maria da Gloria? Olha que te fica bem. Fica-te mesmo muito bem.

Depois, não posso comprehender que mulherinha, pobre e magra, como tu, solitaria e melancolica, como tu, de olheiras negras e de olhos tão negros, como tu, não posso comprehender que mulherinha assim não se chame Maria. As mulheres simples e rusticas dos campos de minha terra, simpleces, rusticas e boas, quasi todas se chamam Maria. E, quando um pobre apaixonado, desilludido pela mulher amada, se desespera, usam mesmo as mulheres dizer-lhe, num tom entre ironico e consolativo: «Não ha só uma Maria no mundo.» Como se dissessem: não ha só uma mulher. Vê lá! Vê lá! Has-de chamar-te Maria, portanto, e Maria da Gloria, por cima.

Pois bem, Maria da Gloria, queria ter-te sentada, ao pé de mim, nestes momentos soturnos da noite. Perto de mim? Justamente: perto de mim. E relembro-te, com doçura, o semblante suave. Tu me fazes impressão. Se alguém ler estas linhas e te contar, tu has-de ficar pasmada, tu has-de ficar attonita.

Como! Pensar alguém em ti, alguém que vive preso às coisas gran-

des e que tem orgulho de olhar com orgulho as coisas da terra? Não és tu pobre e triste! Não és tu desconhecida e sosinha? Deus do ceu! Como poderia alguém que não seja pobre e que não seja humilde, como tu, como poderia alguém dar dois olhares a teu vultozinho esguio e doente, gastar perulariamente dois minutos com a tua pobreza? Haverá alguém capaz de descer do alto e chegar até onde tu estás?

Sim, Maria da Gloria, ha um. E esse, Maria da Gloria, sou eu. Por essas tardes serenas, quando o crepusculo se vai enlutando de noite, gôsto de ver-te, em pé, perto da janella, a olhar para as coisas com esse olhar triste e profundo. A janella pobre é uma tosca, rudissima, singella moldura e tu, Maria da Gloria, uma pinturazinha, vestida de negro, faces de doente e uns brandissimos e grandissimos olhos de tuberculosa. E gôsto de ver te assim. Faz-me bem ver-te assim. Teria mesmo uma grande alegria, se te pudesse fazer rir. Teria mesmo uma immensa alegria em arrancar-te o chapéu, num cumprimento reverente. Mas nunca te falei, nunca te hei-de falar, porventura, e não tenho coragem de te cumprimentar. Porque poderias pensar que eu—moço que te parece cheio de esperanças e de tão diversa sociedade da tua—poderias pensar que eu, se te cumprimentasse, te cumprimentaria por mofa, por debochar a tua pobreza, por humilhar-te. Bem sei, bem sei. E eu ficaria devêras contristado, devêras contristadissimo, se scismasse, algum dia, se suspeitasse, algum dia, que tu fazes de mim um juizo mau, uma idéa falsa. Eu não quero as amizades dos reis, o carinho e a admiração dos grandes, o apoio e a festa dos ricos: quero que a pobreza e a humidade, sem me dizer, me queira bem e, sem me contar, que fale bem de mim.

Pois bem, Maria da Gloria, queria ver-te sentada, ao pé de mim, nestes momentos soturnos da noite. Póde ser que tu não sejas o que os teus olhos dizem, que tu não tenhas no coração a do-

ce meiguice de teu sorriso. E que tu, na tua mesquindade e pobreza, sejas velha e manhosa, como uma gata, e, como uma leão, ciumenta e perversa. Póde ser, póde ser. E' mesmo provavel que o sejas, porque és mulher e porque te não educaste.

E' mesmo muito provavel que sejas como a mór parte das mulheres.

Mas, Maria da Gloria, deixa-me enganar, deixa que me illuda a mim proprio, imaginando que ainda haja corações castíssimos na terra, puros como os lyrios nascidos na solidão e que tu tenhas um coração assim e que tu sejas como um desses lyrios.

Na revolta e na negrura de meus dias, na maldade e na amargura destas horas, faz-me bem vêr-te, quasi encostada á janella, de pé, a olhares de tua casa pobre a cidade, alli para o lado, a rumorar, a luxar, a viver.

Póde ser que palpites, dentro de teu corpo fragilimo, 'pobre corpo de quatorze annos !, a doirada ambição de viveres, como as outras mulheres, de gozares, com ellas, dos requintados deleites da sociedade e de, com ellas, rasgares sedas e tilintares joias, pelas ruas. E, mesmo muito provavel, é quasi certo que tenhas essa ambição doirada e fei-ticeira.

Mas, Maria da Gloria, engana-me, illude-me, por Deus, dá-me a suavíssima illusão de que ainda existe um coração-zinho de mulher, simplice e desambicioso, como uma violeta, e que tu tens um coração assim.

Mas, ia-te dizendo, Maria da Gloria, que queria ter-te, ao pé de mim, docemente assentada, com os teus olhos grandes e tristes, nestes momentos soturnos da noite. Vae a chuva lá por fóra. E estou tão só ! No meio deste silencio, desta quasi madrugada, a penna escorre pelo papel, o despertador bate o seu tic-tac e aqui, dentro do peito, o coração que te evoca, ó doce e triste mulhe-rinha ! O meu coração a evocar-te ? Devéras ? Sim, sim. Tenho-te nelle um pedaço para o teu vulto suave. Não acre-

ditas ? Pois é verdade: tu me enches um pedaço de meu coração deshabitado. Um logarzinho para a tua pessoa melancolica, em cuja alma me parece que deve morar uma noite infinita, uma noite cerrada sempre, tão negros e profundos são os teus olhos...

Mas uma amizade pura, uma amizade christianissima. Queria ter-te ao pé de mim, nesta cadeira, para, passando as minhas mãos, de manso, por sobre os teus negros cabellos, olhando-te bem no fundo dos olhos, como se olhasse para uma filhinha querida, dizer-te muitas palavras de coragem, muitas palavras de affecto, muitas palavras de consolação e de carinho. Ensinar-te como deves trabalhar, como deves lutar, como deves viver. Dizer-te que a virtude é a unica riqueza, porque talvez a tua pobreza nunca tivesse uma palavra amiga que lhe dissesse ser a virtude a unica riqueza que a gente póde ter na terra. Tocar-te o coração, para que vivesses simplice e modesta, correndo pela vida, como as aguas de uma fonte suave e limpida, para chegar, pura sempre e sempre encantadora, ao doce Reino dos Ceus...

E, se visse que te não commoverias ás minhas palavras, se visse que tu continuarias a ser, como as outras, eu,

que não abaixo a cabeça diante dos orgulhosos e dos grandes, que sou orgulhoso, como uma estatua, que vou sempre rigido pela estrada,

eu era mesmo capaz de cair de joelhos, a teus pés, Maria da Gloria, e de pedir-te, Maria da Gloria, com loucura, que tu sejas sempre boa, sempre casta, sempre singela, passando pobre e simplice pela vida, mas não te sujando na vida, a paírar, como uma pequenina flôr branca sobre as aguas lodosas ou a voar, como uma pequenina ave, por cima da terra, sem nunca te manchares. Mas tu has-de seguir o teu caminho, a tua estrada silenciosa, quem sabe se cheia de espinhos e de lagrymas !, sem nunca te passarem pela mente e sem nunca teres ouvido—estas paginas que traço de ti,

a evocar os teus grandes olhos e o teu corpinho fragil, grandissimo animal que sou !, nos momentos soturnos desta noite de estudo e trabalho...

... Numas quatro horas da madrugada de Pouso Alegre.

Mario Casasanta.



Espirito indiscreto

— Olá, Rubião !

Déra de cara com a galharda figura de meu amigo Rubião, que por allí vinha, o passo largo e rapido, fraque ao vento, ar atarefado e decidido.

— Em boa hora appareces. Vem dahi commigo. E, arrastando-me pelo braço, ex-abrupto :

— Accreditas no espiritismo ?

— Homem, não sei... Mas tenho cá as minhas duvidas, Rubião.

— Pois não duvides O espiritismo é um facto. Um fa-c-to ! Lombroso, Richet, William Crookes e até o Edison — tu sabes, o Edison do gramophone — se entregaram ao estudo dos phenomenos psychicos, observando-os, admittindo-os. Emfim a sciencia...

— Não calumnies a sciencia, Rubião. Os homens, na sua invencivel tendencia para o extranho e o prodigioso, sempre se preoccuparam com animismo, magnetismo, telepathia, advinhação, occultismo. Dessa salada bizarra de factos e theorias extravagantissimas nasceu o espiritismo. Nelle ha, evidentemente, muito embuste, muita superstição e, sobretudo, muita interpretação erronea. Entretanto, não o nego, hade haver tambem algo de verdadeiro nos chamados

phenomenos espiritas, algo que mereça uma averiguação serena, sem prevenções de nenhuma ordem.

— Perfeitamente, interrompeu o meu amigo. Si toquei neste assumpto foi por querer levar-te a uma sessão espirita, para teu espanto e interesse. Olha, fica mesmo alli, nesta mesma rua, o «Centro Espirita Racionalista Nova Fé». A sessão de hoje é publica; começa agora, ás 7. Vamos lá.

Resmunguei, contrariado. Rubião não fez caso e continuou a arrastar-me impetuosamente.

— Aqui ! bradou, depois de termos andado uns cem metros. Empurrou-me atravez de uma porta entre-aberta. Galgámos a escada que conduzia a um primeiro andar. Precedia-nos uma senhora vestida de azul, acompanhada de uma mocinha de aspecto insignificante. Já em cima, no patamar, a senhora de azul voltou-se, sorriu familiarmente para o Rubião, cumprimentou-o.

Só então comprehendí. Eu bem devêra ter desconfiado do espiritismo daquelle frascario. Coração amavel e generoso, Don Juan contumaz, perseguidor e victima da melhor metade do genero humano, o meu amigo corria atraz de todas as mulheres, sem olhar a côr, belleza, idade ou condição, e muito menos ainda o credo religioso de cada uma, compromettendo-se bastante em taes conquistas e compromettendo-as tambem a ellas um bocadozinho. Amava-as a todas com ternura equanime: as bonitas por serem bonitas; as feias (havia-as acaso na sua opinião?) as feias porque, sob uma fealdade apparente, occultavam muita vez attractivos diversos, inesperados encantos, que nunca passavam despercebidos á sua aguda sensibilidade de fino conhecedor de mulheres. Seu abrazado e infatigavel coração ardia agora por aquella senhora de azul, ainda jovem e bastante bonita. Assim elle m'o confessou rapidamente.

Entrámos. Um moço pallido, provavelmente encarregado da policia da casa, ao saber de mim que eu alli ia pela primeira vez, conduziu-me a um logar dos mais modestos do salão, bem ao fundo,

entre as creanças e as creadas. Rubião abancou-se mais adiante, como iniciado, que já o era, nos aterradores mysterios do Alem. A senhora de azul tomou lugar entre outras senhoras, não longe das vistas do meu amigo.

Havia alli umas quarenta, cinquenta pessoas, gente humilde pela maior parte. Em redor de uma grande mesa estavam sentados varios *mediums* de ambos os sexos: *mediums* videntes, auditivos, psychographos, typtologos, etc.; á cabeceira achava-se o director dos trabalhos—o Mestre, como o chamavam. Lia elle um calhamaço manuscripto, em voz cadenciada e monotona, propria de sacerdotes. Certos *mediums* tinham o ar absorto, como em extase, e o olhar parado; outros, os cotovellos fincados na mesa, as mãos apoiando as temporas, cabeceavam de somno e bocejavam, prolongada e ruidosamente. Por cima da cabeça do mestre via-se, á parede, uma oleographia de Christo, com o letreiro: *materialização*.

O mestre proseguia na sua leitura, com alguma difficuldade, arrastadamente, não por lhe ser o alphabeto inteiramente extranho, mas provavelmente por estar o calhamaço escripto numa garatuja pouco menos que cuneiforme.

—«Meus irmãos, lia elle. Meus irmãos: um dos problemas que mais devemos estudar é o da eman... eman... *emancipação* da mulher. Até a presente data a mulher tem permanecido... tem permanecido escrava da *perpotencia* do homem, porém deve sacudir esse jugo e chegar a ser a nossa companheira de verdade.»

Não eram más as theorias do Mestre. Por minha parte tel-as-ia de bom grado subscripto.

Infelizmente a leitura foi interrompida, devido ao estado de somno profundo em que se havia sumido uma das *mediums*.

O Mestre cravou nella o olhar e fechou o livro. A rapariga suspirou com um fio de voz:

—Bôa noite!

—Bôa noite, respondeu a assistencia.

Um espirito muito attencioso, entrincheirado no debil corpo da moça, vinha dar noticias do Além.

—Queres dizer teu nome? perguntou o Mestre.

A rapariga meneou a cabeça. Era evidente que a publicidade não agrada va áquelle espirito.

—Está bem; dize-me então onde te achas.

—Fui muito incredulo durante a minha existencia terrena e agora me encontro numa situação triste e horriavel; sinto-me abandonado.

—E que desejas de mim?

—Luz!! Luz!!

—Promettes corrigir-te? Promettes entrar na senda que leva o espirito á perfeição?

—Sim, Mestre, prometto.

O Mestre levantou-se e sobre a cabeça da moça fez um gesto, como si lhe arrancasse com violencia alguma coisa que ella trouxesse consigo posta. Com a voz pronunciou um «Crrrac!» onomatopaico, que nos deu a impressão exacta de um véo que effectivamente fosse rasgado. Qualquer cousa de extranho deveria ter-se passado no «espirito», porque a rapariga em cujo corpo elle se alojara pareceu manifestar sensação de grande allivio e conforto. Agradecido, o inquilino da moça se despediu logo, bastante aperssado:

—Bôa noite! Bôa noite!

Mas isso não era nada. Maiores surpresas me estavam reservadas.

Logo que se foi o espirito a quem haviam rasgado o véo, outro *medium* entrou de manifestar certos symptomas caracteristicos que alli se traduzem por: «Occupado.»

Era esse *medium* um mulato escanzellado, com cara de duende, que se puzera a esticar e mover o pescoço dum lado para outro, num evidente desassocêgo:

—Deus esteja nesta casa, murmurou em voz lenta e grave o espirito a quem o mulato servia de *phone*.

—Amen, responderam. Embora não tivesse dito o nome, nem lh'o houvessem perguntado, soube dum vizinho que se

tratava de um espirito pertencente ao astral superior, espirito familiar naquella casa, seu conselheiro e seu guia.

— Irmãos! exclamou. Esta casa é de oração e recolhimento. Ainda haverá alguém que o ignore? Assim parece. Um irmão aqui tem vindo, um irmão aqui veio hoje com intenções materiaes. Elle é bem digno de piedade porque a sua alma está cheia de malicia e de peccado. Elle é o milhafre que procura abater-se sobre uma das nossas boas irmãs, pobre pomba indefesa, aqui presente. Cautella, irmã, muita cautella. Eu não digo nomes, para lhes poupar confusão...

Não disse nomes, nem era preciso. Todos os olhos se voltaram para o Rubião e para a joven senhora de vestido azul, cujo rosto se tornou escarlata.

Até ahi eu mantivera a immobillidade e o silencio de uma estatua; ninguém me poderia censurar nada. Ademais, a minha conducta publica ou privada foi sempre irreprehensivel; jamais creio ter commettido um só acto que pudesse offender os homens, na terra, ou escandalisar os espiritos, onde quer que elles se achem. Porém, o procedimento daquelle espirito, que parecia ler nas consciencias e commettia temíveis indiscreções, mettia-me medo, um medo atroz. Esgueirei-me por entre duas filas de cadeiras e puz-me ao freseo, prudentemente.

Meia hora depois, á mesa dum café da Avenida, apparecia-me o Rubião, indignado.

— Francamente, Rubião, disse-lhe eu, soccarronamente, aquelle «espirito» não se portou lá muito bem contigo.

— Qual, espirito! Pois não reconheste acaso o Valamiel alfaiate, meu visinho, que se casou ha pouco com uma guapa mocetona? Era elle o *medium*. Canalha!

Com effeito, já me lembrava. Lembrava-me o Valamiel e a sua metade, bem boa metade por signal.

O mesmo instincto de propriedade que leva os homens que possuem a odiar e temer todos os ladrões, leva igualmente os homens ciumentos a odiar e temer to-

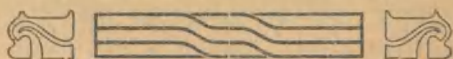
dos os Tenorios. Ora, Valamiel conhecia o seu indesejavel visinho, especie de Luiggi Vampa do amor; conhecia-lhe provavelmente a exaggerada fama de salteador audaz da felicidade conjugal alheia; conhecia-o e detestava-o. Assim, pregara-lhe aquella partida, vingando-se anticipadamente de possiveis aggravos futuros.

— Com que então o espiritismo... arisquei.

— A doutrina é boa; certos individuos é que a deitam a perder.

E Rubião deixou-me, bruscamente, para seguir uma dama de branco que lá ia pela calçada.

Moacyr Assis Andrade.



CORAÇÃO DE MÃE

Para Stellio Effreno

Transviada do caminho da virtude, aquella mulher descêra, degráo por degráo, a escada da depravação moral.

Advinhava-se-lhe, todavia, nas faces transtornadas pela intoxicação de todos os vícios, algum sentimento bom, generoso, adormido, talvez para sempre, na sua alma de mulher das bodégas...

Um quê de extraordinaria bondade illuminava-lhe, ás vezes, o rosto macilento, encovado pelas orgias nocturnas, e, nessas occasiões, estivesse ella na tásca mais sordida, no ambiente mais depravado da rua da Misericordia, as suas feições assumiam uma nobre attitude de respeito e de dignidade que fazia muito maritime bebedo respeitá-la, e, até mesmo admirá-la, entre o sorver de um paraty com gomma e as fumaras nauseantes dos fumos baratos...

De onde vinha aquella mulher?

Que pungente mysterio cercava-lhe a triste vida de mercadora do amor?

Ninguém sabe responder, ao certo, sobre a vida dessas infelizes!

A historia de uma é a historia de todas as outras...

Aqui, a natureza doentia agrilhoando as carnes de uma; alli, a necessidade de viver, a suprema lei da existencia impellindo esta para o mercadejar com o proprio corpo; acolá, o mais frequente, a tristeza de um romance de soffrimentos ou um admiravel gesto de heroína obscura fazendo o suicidio moral de uma santa... afinal, em toda a parte, a animalidade do homem, exercendo-se desprezivelmente dominadora e terrivel...

Mas porque peccára aquella mulher?

Qual o soffrimento que procurava esquecer nas mesas dos botequins?

* *

Quando o casamento não faz a fuzão das almas, —é sempre a mulher quem soffre.

Martyr do homem, ella se torna, então, a heroína do lar.

Tal acontecêra com a protagonista desta tristissima historia da vida humana, tirada do «au jour le jour» das occurencias banaes do Rio-nocturno...

Nascida de familia distincta, de posição social, creada num lar cheio de grandeza e de affecto, cêdo se inclinára ao casamento com um homem que o seu coração de rôla não poderia advinhar nunca fosse um patife; no qual o seu amor sincero e adoravel de virgem de quinze annos, nunca supporia encontrar senão o principe encantador dos seus lindos sonhos de innocencia!...

Ah! mundo enganador, esse da primeira mocidade, que de crimes eternos e imperdoaveis não téces na tua trama doirada, feita de sedas e de illusões!

* *

Aquella menina, casada que fôra, comprehendeu, para logo, o algoz em que se transformára o noivo adorado e tantas vezes almejado...

O seu marido era um bruto, um libertino, um ebrio.

Passados doze mezes de nupcias, doze mezes de soffrimentos e de martyrios, uma noite de tempestade e de frio, elle entrara embriagado, a espancara, a insultara, elle a fizera abandonar o lar, com o fructo do seu grande amor,—uma innocenciasinha de recém-nascido en-

tre os braços maternos, apertado ao peito, colhido no chale abrigador...

Vagara por essas ruas excusas, medrosamente, até ao alvorecer do dia seguinte, inconsciente, erradia, como uma louca, julgando-se ré de um crime inexistente, vendo-se repudiada por todas as outras mulheres, inventivada por todos os homens...

Quando a fome lhe contrahi o estomago, e a sua linda innocentinha chosou pelo seio materno, alli mesmo, na roleira daquella hospedaria immunda, sentou-se, mais morta do que viva, para alimentar o ser do seu ser, toda a razão, agora, da sua existencia...

E, o leite lhe seccara nos seios, ou fôsse pela angustia que a assaltava, ou fôsse pela fraqueza que a alquebrava!

Sabia lá... A sua innocentinha,—linda como os sonhos da sua mocidade radiosa!—havia de alimentar-se, ella tinha de procurar-lhe o alimento, o dinheiro para comprar o leite que era a vida da sua vida!

Encontrou a primeira mão amiga que a levantou dalli, que lhe deu os quatro nickéis para a garrafa salvadora de leite...

A' noite, essa mesma mão amiga lhe deu o mil réis da hospedaria...

O trôco revelou a alma negra dos homens: aquella mulher cahiu, aquella mulher peccou, aquella mulher prostituiu-se para não deixar morrer o filho!

.....
Era por isso que, nas noites miseraveis das tascas, na sua ronda nevrótica e angustiada, ella, algumas vezes, tinha as feições transfiguradas, e, no meio daquella miseria humana, entre mil carastaradas e patibulares, creadoras de todos os typos de criminosos, rufiões, proxenetas, caftens e ladrões,—o seu rosto de soffrimentos e de vicios adquiria uma expressão de sublime doçura, de bondosa pureza, incompativel com o ambiente infecto que lhe ia em torno...

—Ah! coração de mãe!

Rio-21-4-921.

BORJA DE ALMEIDA.

Ponto Final



Peça

tragica em um acto

de

ANIBAL MATTOS

Ao grande actor

JOÃO BARBOSA

A

ODILARDO COSTA

uma das maiores
esperanças da arte
dramatica no
Brasil



ODILARDO COSTA, no typo que imaginou para o papel de "Normando"

SCENARIO

Quarto pobre em uma casa de commodos de arrabalde. Paredes sujas, forradas com papel amarelo, desbotado. Varios remendos de jornaes e cartazes coloridos. Roupa dependurada em pregos. Um lampião de kerozene. Uma cama de ferro, larga, á E., com a cabeceira para a parede; algumas cadeiras de madeira, envernizadas de preto. Um armario. Perto, uma prateleira com varios frascos. Mesa pequena de engommar, uma porta fechada a chave. Ao fundo, á E., outra porta dando para uma alcova escura e uma janella aberta. A' direita, lateralmente, uma divisão de madeira, com uma comunicação, abrindo para um corredor estreito. Atravessando a scena, no interior do quarto, duas cordas esticadas com roupa estendida. Ao cahir da tarde.

SCENA I

ROSA e depois ANTONIA e LUIZ.

ROSA, parando de engommar, attenta

Chamaste, meu filho?

Uma voz, debil, da alcova.

Mamãe, mamãe!...

ROSA, deixando o trabalho

Já vou! (*Sae, apressada, e some-se pela alcova, ao F.. Antonia e Luiz apparecem á D.A. e percorrem o corredor até a porta do quarto.*)

ANTONIA, entra e olha para todos os lados.

Com licença... (*Em voz alta, chama Rosa!* *A Luiz, que tem ficado do lado de fóra.*) Entre para cá, faça favor... (*Para dentro, elevando a voz.*) Então, como vae o pequeno? (*Voltando-se, a Luiz*) Queira esperar um momento, vou lá dentro... (*Entra na alcova. Pausa*)

ROSA, apparecendo

Desculpe a demora. Já sei, vem buscar a sua roupa...

LUIZ

E' verdade, vinha buscal-a. Está prompta?

ROSA

Toda, não senhor. . . Algumas peças ainda estão humidas. Tem feito mau tempo

A chuva não descança. Ainda hoje vamos ter tempestade... Depois o meu filhinho tem estado tão doente, coitado! Desculpe-me...

LUIZ

Que remedio?

ROSA

Em todo caso póde levar algumas peças.

LUIZ

Não é preciso, virei depois... (*Noutro tom*) O teu marido...

ROSA, atalhando

Anda ao Deus dará. Aquillo é uma lastima. Está peor.

LUIZ

Deves ser muito infeliz.

ROSA

Pudera!...

LUIZ, com intenção

Ainda assim tens momentos de consôlo. (*Sorrindo mysteriosamente*) Talvez fosses mais desgraçada si o teu marido não bebesse...

ROSA, mais attenta

Que quer o senhor dizer...?

LUIZ, indifferente

Nada... (*Com voz mais baixa, quasi ao ouvido de Rosa*) Bem sabes que te quero deveras!...

ROSA, mudando de expressão

Temos a musica do costume! . . . E' inutil insistir...

LUIZ

Não pensas bem, cuidado... Ouve-me! (*Tenta segurar-lhe as mãos*)

ROSA, *repellindo-o*

Deixe-me !

LUIZ, *perplexo*

Repelles-me ?

ROSA

Por certo; admira-se ? (*Num impeto*)
Desprezo-o ! Eis a verdade !

LUIZ, *com raiva*

Posso vingar-me... Sou amigo do
teu marido. Conheço verdades que te
compromettem.

ROSA

Ora...

LUIZ

Sei que tens um amante...

ROSA, *encolhendo os
hombros*

Infâmias !

LUIZ

... E que um dos teus filhos é fru-
cto desse adultério...

ROSA, *avançando*

Pois, sim ! Que quer ?

LUIZ

Quero que sejas minha, responde.

ROSA, *com de desprezo
energica*

Nunca !

LUIZ

Tanto peor... Vaes arrepender-te.
(*Noutro tom*) Ingrata ! Levo a prote-
ger-te, a dar-te a roupa para lavar...

ROSA, *decidida*

Pois quando não quizer, fique com
ella em casa... Não me faltam fregue-
zes, tenho muito que fazer...

LUIZ, *ameaçador*

Mas virá o dia...

ROSA, *encolhendo os
hombros*

Ora, adeus ! Pragas ? Não vale a
pena !

SCENA II

Os mesmos e ANTO-
NIA

ANTONIA

Está bem fraco o pequeno... Que diz
o medico da Assistencia ?

ROSA

Que está fóra de perigo, graças a
Deus...

ANTONIA

E o teu homem ?...

ROSA

Anda por ahi a queimar as entra-
nhas...

ANTONIA

Porque não pedes a receita da Mar-
colina ? O marido curou-se. Hoje em
dia tem horror á bebida.

ROSA

Não, não; tenho medo de bruxedos...

LUIZ, *mysterioso*

Está claro.

ANTONIA

Está claro, que, homem ? (*Luiz sor-
ri com ironia*) Cuide da sua vida e dê
ao diabo o que sabe !

LUIZ

Está bem, adeus. (*Olhando Rosa de
um modo especial*) Até mais ver, vol-
to amanhã.

ROSA

Não precisa. Mando-lhe a roupa lá
em cima.

LUIZ

Como queiras... (*Sae. Do lado de
fôra faz um gesto ameaçador para o
quarto*)

ANTONIA, *piscando o
olho*

Parece que te anda fazendo roda. Este
homem tem por ti um rabicho dos dia-
bos !

ROSA, *com desprezo*

E' um traste !

ANTONIA

Os homens são todos uns trastes !

ROSA

Nem todos...

ANTONIA

Olha o teu marido... que biltre ! Um homem de preparo... Abandonou o emprego, um empregão, para atirar-se á bebida. Afinal, tu o sustentas e ainda tens dois filhos.

ROSA

Que hei de fazer ?

ANTONIA

Já agora é aguentar... A não ser que o queiras jogar pela porta fóra.

ROSA

Seria provocar a sua colera. Irrita-se por um nada. Si falo, esbordão-me.

ANTONIA, sentenciosa

Então ainda gosta de ti...

ROSA

Por bater-me? Não creio que essa barbara grosseria seja uma prova de affecto. Bate-me porque a embriaguez o torna inconsciente e mau. E porque bebe? Tem elle culpa ? Era feliz, trabalhava... Um dia, sem que nem para que, puzeram-no fóra do emprego. Elle, coitado, attonito, pediu explicações... explicações... Barbaros ! (Pausa)

Ficou atôa, sem saber como arranjar a vida, desprotegido... desgraçado. Tíhamos então um só filho, o mais velhinho, esse que está doente. Os maus companheiros arrastaram-no para o abysmo... Nessas occasiões sempre apparecem os maus amigos.

ANTONIA, num gemido

E' isso mesmo.

ROSA

A's vezes ponho-me a pensar na vida e sinto a forte impressão d'uma terrível martelada no craneo... Entonteco e quasi tombo por terra sem sentidos.

ANTONIA

E', tens razão. (*Suspirando longamente*) E tu estudaste; sabes mais que muita gente bôa.

ROSA, com amargura

Para que...?

ANTONIA

Deixa lá ! sempre vale mais quem lê por cima e faz as suas contas. Digo-te eu ! Estou pobre porque sou ignorante... Roubam-me descaradamente, si eu nem sei ler !

ROSA

Sempre serve de alguma cousa, lá isso é verdade. Si eu me vestisse melhor poderia ter discipulas. (*Como que falando comsigo*) Discipulas?... (*Amargamente*) Impossivel ! Os meus habitos são outros. (*Com muita tristeza*)

Perdi a delicadeza do trato social. Hoje sou rude e, quasi instinctivamente, odeio os ricos. Não vês esse imbecil do Luiz ? Requesta-me ha mais de um anno, faz-me as mais douradas promessas: offerece-me dinheiro. (*Com sarcasmo*) Dinheiro ! Só por isso tenho-lhe um odio, um odio doido... A's vezes sinto ganas de trincar-lhe os olhos... Matal-o-ia sem remorsos !

ANTONIA

Olha o dictado : páu que não verga...

ROSA

Mas que queres que eu faça ? Ceder?... Seria atirar-me á prostituição, miseravelmente. Sou mãe, nunca os meus filhos terão ensejo de envergonhar-se... (*Retrahindo-se*). Nunca?... (*Com desanimo*) Talvez tenham...

ANTONIA

E' então verdade que tens um amante ?

ROSA

E', tenho um amante...

ANTONIA

Trahiste o teu marido ?

ROSA

Está claro, desde que me entreguei a outro homem... Tinha de ser assim mesmo.

Houve tempo em que sentimos fome. *(Com voz surda)* A fome... triste cousa é a fome! Ha quem duvide que em nossa terra se chegue a esse extremo. Utopistas!

ANTONIA

Só nós sabemos o que é isso...

ROSA

Nessa dolorosa situação encontrámos um homem que repartiu connosco o seu miseravel salario. Semelhante rasgo de generosidade captivou-nos.

Simples, rude e bom, esse humilde operario apaixonou-se por mim. O meu homem cahira no vicio... Insultava-me todos os dias, batia-me diante de outras pessoas... Desmoralisou-se completamente, tornando-se indigno do convivio social. Comecei a aborrecel-o... Depois tive-lhe odio... Em semelhante situação precisava de alguem que me amparasse. Eis ahi porque acceitei o amor de outro homem.

ANTONIA, *angustiada*

Neste mundo anda tudo desorganizado. Eu tenho, muitas vezes, vontade de desaparecer.

ROSA

Sente-se uma angustia immensa diante de tantas injustiças. Quantas vezes comparo o meu passado a isto e sinto uma vergonha enorme... *(Fica ab-sorta, cabeça baixa, dominada por inven-cível acabrunhamento)*

ANTONIA, *desafogando*

Tristezas, tristeza... Ora, adeus! Enquanto isso apeça inteiriça do teu marido encharca-se de vinho

ROSA

Tenho mais medo d'elle quando não bebe : é taciturno e desconfiado. Parece estar sempre de atalaia e prestes a vibrar uma punhalada.

ANTONIA, *benzendo-se*

Cruz, credo! *(Ouve-se ruido de passos, ao fundo, na escada. Movimento de attenção. Uma voz roufenha canta:)*

La dona é mobile
Qual piúma al vento...

ROSA

E' Normando...

ANTONIA

Lá está a rosar aquella cantiga de theatro... Antes que me veja vou sahindo... Embirro com aquelle estribilho... *(Sae)*

ROSA

Adeus, Antonia, adeus, vou ver o menino. *(Entra na alcova)*

SCENA III

ANTONIA, NORMANDO E LUIZ

NORMANDO, *amparado por Luiz, cam-baleando.*

Ora viva lá essa bizzarria, senhora dona Antonia!

ANTONIA, *afastando-se, seccamente*

Passe muito bem! *(Vae retirar-se, pisando forte)*

NORMANDO, *querendo seguir-a*

Aperte esta mão, olhe que sou um homem honrado... Não pense que estou embriagado, não... Bebi muito pouco. *(Toma-lhe a frente)*

ANTONIA, *violenta*

Chegue-se para lá!

NORMANDO, *bracejando*

Anda cá, dá-me um abraço. *(Ri)*

ANTONIA

Olha, o monstro! *(Sae)*

LUIZ

Prompto, estás em casa.

NORMANDO

Bem sei, não estou tão tonto como supões. Afinal, podias ter-me deixado ficar na taberna... (*Entram para o quarto*)

LUIZ

Para beberes mais?...

NORMANDO

Ora adeus! que mal ha nisso? Uns dão para comer, outros para roubar a mulher do proximo... Eu dei para isto... bebo... bebo... (*Num gesto vago*) Não faz mal! Nem sinto gosto á bebida. A minha garganta é como um cano de ferro...

LUIZ

Que vida!

NORMANDO, *com sarcasmo*

Adoravel! Viver assim é sonhar sempre. Bebo porque sonho. (*Boceja*) Estou com somno.

LUIZ

E que sonhas tu?

NORMANDO

Cousas lindas... (*Espreguiçando-se*) Estou quasi a dormir...

LUIZ

Pois dorme, afinal precisas descansar. Tens andado o dia todo. (*A scena vae escurecendo, anoitece*)

NORMANDO, *atirando-se á cama*

São uns brutos os taberneiros! Estão promptos para vender a bebida... Depois... rua! Antigamente ainda se descansava numa soleira de porta. Hoje em dia, qual! é impossivel! Somos obrigados a andar... a andar... (*Volta-se na cama, senta-se*)

LUIZ

Como judeus errantes...

NORMANDO, *com voz mais baixa*

E' isso, a vida é assim... uma grande duvida. Ficamos perplexos diante de uma encruzilhada... Depois... é o acaso... (*Boceja*) Nem vale a pena viver... (*Pausa. Resmunga e cae deitado, rolando no leito. Luiz olha para todos os lados, chega-se á cama, com precaução e chama, com voz surda*) Normando! Normando! (*Nova pausa. Encaminha-se para o fundo e volta pé ante pé, com um papel dobrado, que colloca no bolso de Normando, com infinita cautela. Rosa chega á porta da alcova, ao fundo e estaca instinctivamente, observando cheia de anciedade e occultando-se assim que Luiz faz menção de retirar-se. Este sae e cerra a porta, com cuidado, desapparecendo á D.. Rosa apparece novamente ao F.. Pinta-se-lhe no rosto um grande terror. Anda surdamente e presta attenção aos últimos passos de Luiz. Faz-se um pávido silencio em torno. Ouve-se ao longe um principio de trovoada. Cruzam-se espaçadamente os primeiros relampagos. Rosa dirige-se machinalmente, até proximo do leito. Normando vira-se e rosna palavras sem nexo. Ella contem um grito. Novo silencio de angustia. Ouve-se barulho ao fundo, fóra do quarto. São os passos arrastados de Antonia, que traz um pequeno lampião de kerozene acceso, dependurando-o no corredor, em um prego. Vae-se; os passos perdem-se ao longe. Rosa, com o olhar fixo no marido, como que a magnetizal-o, avança novamente, aproxima-se do leito, ajoelha-se e estende a mão direita para aposar-se do papel que Luiz introduziu no bolso de Normando. No momento em que se apossa do bilhete, um relampago terrivel corta o espaço, inundando o quarto de luz, e um formidavel trovão faz estremecer a casa. Normando desperta, faz um gesto rapido e segura violentamente a mão de Rosa. Esta não pôde conter um grito estridente*)

NORMANDO, *extremunhado*

Que queres? Fala!

ROSA, attonita

Nada... eu...

NORMANDO

Querias roubar-me!? Roubar-me, não é assim, cachorra? Que tens entre as unhas? Ladra!

ROSA, com esforço

Deixa-me, bruto!

NORMANDO

Dize, que tens, anda? Ah! (*Torce-lhe o braço, ella grita e resiste-lhe soluçando*) Então, querias lutar? (*Abre o bilhete que tem tirado das mãos da mulher. Esta treme de medo, anciosa. Normando, a medida que vaê lendo enrugga a fronte e explode vibrando de colera, com voz surda*) Isto é verdade? (*Mosstra o papel a Rosa*) Lê...

ROSA, olhando

E' menti... (*Não acaba a palavra*)

NORMANDO, segurando a mulher pela garganta, com violencia

Estrangulo-te si mentes!

ROSA, friamente

E' verdade...

NORMANDO, sacudindo-a

Ah! infame! Adultera!

ROSA, calma, desafiando

Mata-me d'uma vez. Só te falta ser assassino! Seria o ponto final da tua vida miseravel!

NORMANDO, pensando

Não te mato. Tu vaes antes dizer-me quem é o teu amante. Quero conhecê-lo.

ROSA

Para que?

NORMANDO, com sarcasmo

Para mata-lo!

ROSA, com uma idéa sinistra

Tu terias coragem para tanto?

NORMANDO

Já disse: quero matar o teu amante!

ROSA

Matarás o teu melhor amigo...

NORMANDO

Ah!

ROSA

Sim. (*Normando dirige-se para a porta*) Vaes sahir?

NORMANDO

Sim... Voltarei já. (*Com ar de ameaça*) Espero que não tentes fugir. Seria inutil.

ROSA

Aqui me encontrarás. Não penses que foi o amor que me obrigou a trahir-te. Vendi-me. Tu saberás quem é o meu amante, talvez o encontres aqui quando voltares.

NORMANDO

Cynica! (*Com voz estrangulada, cambaleando*)

La dona é mobile

Qual piúma al vento ..

(*Sae resmungando*)

ROSA, verifica si o marido sahiu. Volta depois para E., tira uma chave do seio e abre a porta de comunicação. Chamando

Paulo! Paulo!

SCENA IV

ROSA e PAULO

PAULO, com cuidado

Que tens? Que ha?

ROSA

Uma desgraça! Meu marido sabe de tudo. Foi prevenido.

PAULO

Oh!

ROSA, *com odio*

Foi o Luiz, aquelle infame. Repelli-o de uma vez... Vingou-se.

PAULO

Como sabes?

ROSA

Vi-o collocar a carta no bolso de Normando. Quiz roubar-a e fui apanhada na occasião em que me apoderava della.

PAULO

E teu marido?

ROSA

Quasi matou-me a principio. Depois sahiu, mas não tarda.

PAULO

Elle está bom?

ROSA

Está meio embriagado mas conserva ainda perfeita lucidez de espirito.

PAULO

Fujamos...

ROSA

Não é possível. E o Zezinho? Que culpa tem elle?

PAULO

Levamol-o!

ROSA

Seria matal-o. Não pôde quasi mexer-se na cama.

PAULO

Fujamos sem elle!

ROSA

Estás louco! E' meu filho!

PAULO

E' filho do homem que tu odeias. Temos o nosso... Que mais queres?

ROSA

Não, não, Paulo, isso não!.. Seria monstruoso. Que culpa tem esse pobre innocente? Nenhuma. Bem vêes que não é possível abandonal-o. Depois,

tenho um plano de vingança terrivel. Quero saciar o meu odio. Fôge tu com o nosso filho. Passa pela loja e leva-o. Antonia cuidará do outro. Irei ter contigo ao logar do costume.

PAULO

E... não tens medo?

ROSA

Não te assustes, fugirei a tempo. Conheço bem Normando. Elle não me matará. Faze o que te digo. Não te demores. (*Empurra-o docemente*)

PAULO

Cuidado! Adeus!

ROSA

Adeus! (*Fecha a porta e esquece a chave na fechadura. Caminha até ao meio da scena detendo-se de quando em vez, pensativa. Ora concentra-se, ficando um instante extatica, com os olhos cheios de ternura, ora enruga a fronte. Depois invade-a uma grande melancolia; deixa pender as mãos com desalento. Junta-as para a frente, enclavinhando os dedos. Em seguida passa as mãos pela fronte, num movimento energico, arrependendo para traz os cabellos, em attitude resoluta. (Oh! vae ser terrivel o «ponto final»! Ouve-se cantarolar uma canção vulgar).*)

SCENA V

ROSA e LUIZ

LUIZ, *cantarolando*

Lará... lá... lá... lá...

ROSA

Ah! é elle! (*Chamando*) Senhor Luiz...

LUIZ

Prompto. (*Interrogando*) Normando está ahí?

ROSA

Esteve. Foi-se. Não voltará mais, por certo. (*Noutro tom*) Empreste-me um phosphoro, sim?

LUIZ

Oh! pois não... Vaes ficar só?

ROSA, *accendendo o lampião*
 Não, senhor. Talvez alguém se resolva a ficar commigo...

LUIZ
 Quem? Com a bréca! quem será esse felizardo?...

ROSA
 Veja si adivinha...

LUIZ
 Não posso adivinhar...

ROSA, *de um impeto*
 Pois és tu! tu!

LUIZ, attonito
 Será possível?

ROSA, *passando a trolha-o com intimidade.*
 Duvidas?

LUIZ
 Que ventura! (*Noutro tom*) Não falto ao promettido. Terás as mais bellas coisas... Vou dar-te vestidos e tudo mais para que andes decente, bonita.

ROSA
 Para que? Achas-me feia? Só agora reparas na minha miseria...

LUIZ
 Isto tudo é miseravel. Queres mudar-te para uma casa mais limpa, mais confortavel?

ROSA
 Nada de mudanças. Até hoje só tenho mudado para peor...

LUIZ
 Terás tudo que quizeres!

ROSA, *de modo singular*
 Sabes o que me appetecia, agora?

LUIZ
 Creio que não...

ROSA
 Estrangular-te! Assim... assim... (*Aperta o pescoço de Luiz*)

LUIZ, *com medo*
 Enlouqueceste? Olha que me esganas! (*Rosa ri, nervosamente*)

ROSA
 Não é nada... (*Acaricia-o*)

LUIZ, *desconfiado*
 Nada de arremêdos!

ROSA
 Não te assustes! (*Ouve-se a voz rouca de Normando*)

La dona é mobile...

LUIZ, *assustado*
 E' Normando!

ROSA, *tranquilla*
 E'... deve ser...

LUIZ, *receioso*
 Mas...

ROSA
 Não te assustes; elle de nada suspeita. Dirás que vieste procural-o... Vamos, calma...

LUIZ
 Seria melhor fugir...

ROSA
 Não é possível! Por onde?

LUIZ
 Pela porta. Talvez tenha tempo. (*Vae fugir pela porta e recua ao deparar com o marido de Rosa. Confusão*)

SCENA VI

OS MESMOS E NORMANDO

NORMANDO, *empunhando uma garrafa*

Ah! (*Queda-se durante alguns momentos, perplexo*) Pois eras tu?!

ROSA, *radiante com nada possuem... (Rosa depois de ser-singular intenção vir, sae, entrando na alcova)*

Eu disse que elle era teu amigo...
(*Accentua com ironia e odio a palavra *elle**).

LUIZ, *inconscientemente*

Sim... sim... sou muito teu amigo...
Eu vim saber de ti... Esperava encontrar-te.

NORMANDO, *contendo-se*

Muito bem, muito obrigado! (*Ri sarcasticamente. O riso sacode-o violentamente e acaba num accesso de tosse nervosa*) Estavas dando dois dedos de prosa á patrão?

LUIZ

Sim... Já ia sahir quando chegaste...

NORMANDO

Agora vamos beber juntos esta garrafa.

ROSA

Vou ver copos. (*Dirige-se á alcova e volta pouco depois com dois copos*).

LUIZ

Não perdes o vicio...

NORMANDO

Assim é que se vive. Peior do que isto é a dissimulação, o medo...

LU Z

Lá isso é verdade...

ROSA

Aqui estão os copos... (*Deixa-os em cima da mesa*)

NORMANDO, *a Rosa*

Serve-nos. Queria ter muito dinheiro para beber muito. Inveja a tua fortuna.

LUIZ

Adquiri-a honestamente.

NORMANDO

Hum... (*Noutro tom, sorrindo*) Não quero duvidar. Uns têm tudo e outros

LUIZ

E' assim a vida...

NORMANDO, *levantando-se vae até a prateleira e apanha um frasco. Com amarga ironia*

A vida...dizer-se que, com este frasco, talvez pudesse envenenar grande parte da população duma grande cidade... A sciencia dos homens inventa com mais facilidade meios de destruição e de morte...

LUIZ, *timidamente*

Que é isso...?

NORMANDO

Uma droga que minha mulher usa para tirar nodoas da roupa: oxalato de potassa...

LUIZ, *com medo*

E' bom afastares isso... Uma imprudencia pode-nos ser fatal...

NORMANDO

Ainda hei de matar alguém com este veneno... (*Disfarça-se e guarda o vidro*)

LUIZ

Para longe vá o agouro... Tu pareces outro...

NORMANDO

E sou outro na verdade... Vamos beber! (*Noutro tom*) Fecha-me aquella janella, está frio.

LU Z, *levanta-se e dirige-se á janella, fechando-a. Normando aproveita o momento e despeja parte do veneno no copo de Luiz Este volta a sentar-se*

Extranho-te.

NORMANDO

Julgas-me differente...? E' que tu não podes comprehender certos senti-

mentos, e assim existem milhares de creaturas no mundo, cujas vidas estereis e perniciosas não offerecem justificativa.

LUIZ, encolhendo os ombros

Estás sonhando!

NORMANDO, sem ouvir, como que falando sosinho

E existem homens que são como abutres: espionam a morte moral dos individuos para se apossarem das suas mulheres ou deshonrarem as suas filhas... As minhas palavras não despertam em tua memoria a lembrança de algum crime? Não sentes invadir-te a medula, o suor frio da inquietação, o receio vago de uma desgraça imminente?

LUIZ

Assustas-me com essa linguagem! Não estás no teu juizo. Que extravagancia!

NORMANDO, rindo

Vamos suppor que vaes morrer...

LUIZ

Que idéa!

NORMANDO

E' uma idéa como outra qualquer... um tanto funebre, apenas. Acaso estás preparado para morrer? Responde... (Pausa). Nada dizes. Si quizesse mesmo mentir não poderias fazel-o, porque comesças a ter medo... Sim, uma sombra vaga de terror espalha pelo teu rosto a pallidez dos cadaveres. As tuas mãos esfriam... Tremes... Não sabes o que tens? (Olha para Luiz com ar sinistro e ri com sarcasmo)

LUZ

Eu nada tenho... (Quer levantar-se, mas não póde sustenter-se e cae pesadamente sobre a cadeira).

NORMANDO, sacudindo-se todo, num riso nervoso

Bebamos!...

LUIZ, passando a mão pelo rosto

Este vinho é forte. (Respira fortemente e leva as mãos á cabeça)

NORMANDO, gosando com ar selvagem os effeitos do veneno

E' demasiadamente forte...

LUIZ

Não sei que sinto...

NORMANDO

Tens difficuldade em falar, abandonam-te as forças...

LUIZ machinalmente

Sim...

NORMANDO, friamente

Tens alguma communicação importante a fazer? (De modo terrível, frisando as palavras) Dentro de alguns instantes serás um cadaver. (Sacode-se num riso irritante e secco)

LUIZ, a custo, com pavor

Que dizes? Tu...

NORMANDO, com voz surda

Envenenei-te! Então pensavas que era só seres o amante de minha mulher...?

LUIZ

Ah! suffoco!... Que dores... Meu Deus... (Estorce-se horrorosamente e fica a olhar para a frente, com os olhos quasi fóra das orbitas)

NORMANDO

Julgas talvez que ella te ame? Enganas-te, trahiu-te miseravelmente. Tolo! (Com ironia:) Ah! ah! ah! mulheres... amor... dinheiro... Tudo materia vil, só a illusão perdura porque a felicidade é apenas a illusão que nós creamos conscientemente. (Num arranco, sacudindo Luiz) Porque não falas?

LUIZ

Socorr... (Leva as mãos á garganta e cae pesadamente no solo)

NORMANDO, *bebe aciadamente e depois debruça-se sobre o corpo de Luiz, cada vez mais excitado*

Fala, fala! Não olhes para mim com esta fixidez terrível, não tenho medo dos teus olhos... Não te atemorizes com a morte. Para que has de ser poltrão? Tinhas de morrer, meu velho. Porque não falas? Perdeste a voz? (*Sacode-o*) Não julgues que sou uma besta fera, um monstro. Sou um typo normal. Seguia o meu caminho. Surgiste á minha frente. Deshonraste-me... Eu... (*Estaca, compreendendo finalmente, que Luiz está morto. Afasta-se instinctivamente com terror, mas retoma o aspecto frio, rancoroso. Gesticula desordenadamente, avança para a alcova, allucinado. Rosa aparece*)

SCENA VII

OS MESMOS E ROSA

ROSA, *friamente*

Mataste-o?!

NORMANDO

Sim... (*Avança para a alcova*)ROSA, *tomando-lhe a passagem*

Que queres mais?

NORMANDO, *turbado*

Deixa-me passar...

ROSA

Não! Que queres fazer? Nosso filho dorme. Não vás acordal-o. Deixa-o descansar...

NORMANDO

Nosso filho?! Teu filho, sim, teu filho... Meu? Não, não é meu, é o fructo da tua deshonra. Sae!

ROSA, *com desespero*

Juro-te que é teu filho! Normando! Normando! que vaes fazer? (*Normando segura a mulher e atira-a violentamente para o meio da scena. Depois entra para a alcova precipitadamente.*

Rosa levanta-se, rapida, e chega até a porta. Ouve-se lá dentro um rugir de fera e um gemido surdo. Rosa solta um grito terrível Normando! Não o mates! Ah! (*Afasta-se, aterrada, soluçando, os olhos desvairados, offegante*) Meu filho! Assassino! (*Espavorida*) Socorro! Socorro! (*Sae como doida, porta fóra. Pausa*)

NORMANDO, *afasta-se da alcova, com os braços estendidos, os dedos crispados. Vira o rosto assombrado e repelle com o as mãos para traz, qualquer cousa invisível. Olha em volta, cheio de medo, com voz rouca*

Rosa! Rosa! (*Procura-a com o olhar*) Ah! infame, fugiste! (*Anda pela casa toda, arrasta os moveis, desfaz a cama, furioso. Approxima-se naturalmente da porta á E. e, ao ver a chave na fechadura, recua, perplexo. Depois avança, num impeto, abre nervosamente a porta e entra com violencia*)

SCENA VIII

ANTONIA e dois SOLDADOS

ANTONIA, *ao F. da D..*

Por aqui, senhores, é por aqui...

1.º SOLDADO

Continúe a explicar-nos o que se deu.

ANTONIA, *mais baixo levando as mãos á bocca como porta voz*

E' um caso de morte... A rapariga que mora aqui é casada com um antigo guarda-livros. O homem deu para beber... é um bruto! Ella appareceu-me lá embaixo, espavorida, a soluçar e disse-me que o marido lhe matara o filho... Imaginem os senhores como não fiquei. Antes que voltasse a mim do susto, foi-se a correr, como doida. E' só isso...

Reavivando, seu bulho embora, alguns traços desse perfil energico e modelar, rendo homenagem ao mais perfeito jornalista que já terçou as armas sagradas no dia-a-dia da imprensa, nesta terra liberal de Minas, e terçou-as com bravura e mãos limpas, deixando de si em nome que vale por uma legenda.

O.

Concurso de contos da «Novella»

Não deixou de ser animadora a concorrência dos intellectuaes mineiros ao nosso concurso, sendo-nos enviados dez originaes, de accordo com as praxes firmadas para o concurso. Já a redacção da «Novella Mineira» os entregou ao estudo e julgamento de uma comissão composta dos brilhantes intellectuaes professores drs. Mario de Lima, Carlos Góes e Anniba-Monteiro Machado.

A «Novella» espera dar o resultado do concurso em seu numero de fevereiro proximo, dando publicidade aos contos classificados nos tres primeiros logares e aos outros que, a seu juizo, sem a declaração de que tenham figurado no concurso, julgue merecedores das honras da publicidade.

No intuito de incentivar o gosto pelas letras, sobretudo pela prosa, pouco cultivada entre nós em relação á poesia, a «Novella» resolve abrir novo concurso nas condições do primeiro.

O concurso será, como já ficou estabelecido, para um conto, nunca mais de 15 tiras de papel almaço commum, quando escripto a mão, e de 10, quando dactylographado. A remessa deverá ser feita para a redacção da «Novella», rua da Bahia, 1210, até o dia 30 de março, assignado o trabalho com pseudonymo e, em envelope separado e fechado, o titulo do conto e o nome do autor, com a sua residência, envelope que, por sua vez, terá na parte exterior o titulo do conto e o pseudonymo.

Os contos versarão sobre qualquer assumpto brasileiro, sendo de preferencia classificados os que, vasados em boa linguagem, tenham melhor entredo.

A direcção da «Novella», no dia seguinte ao do encerramento do concurso, escolherá uma comissão composta de tres literatos de valor para que classifique, dentre os trabalhos enviados, aquelles que estejam em condições de pu-

blicidade. Ao autor do conto classificado em 1.º logar será offerecido um premio de 50\$000 em dinheiro; ao do 2.º, os volumes das seguintes obras aqui ultimamente apparecidas neste mez: «Ideas e Commentarios», de Mario de Lima; «Borrachos», de Silva Guimarães, e «Canção da Primavera», de Anibal Mattos. Para os demais classificados, uma assignatura do 1.º volume da «Novella».

Almanack do Centenario da

«Novella Mineira»

Será uma obra de vulgo e de grande utilidade para o Estado de Minas, tratando dos principaes assumptos que se relacionam com o grande progresso intellectual do Estado, das suas Indústrias, Commercio, Lavoura, Pecuaria, etc.

Será uma publicação notavel no seu genero e digna da grande commemoração da nossa independencia politica, para a qual o nosso glorioso Estado concorreu com o seu esforço intellectual, a seu arraigado amor pela liberdade e o sangue nobilissimos de heroicos filhos. O Almanack da «Novella» será publicação patriótica, util e indispensavel.

Para ella chamamos desde já a attenção dos leitores, dos industriaes, dos criadores e das classes conservadoras do Estado de Minas.

Sociedade Theatral Mineira

Para impulsionar o gosto pelo theatro entre nós acabam de fundar, sob os melhores auspícios, a Sociedade com o nome acima. Bello Horizonte evolue de maneira flagrante, de modo a podermos admittir a hypothese lisongeira de que, ao seu progresso, não seja indifferente a sorte do theatro nacional, agora, felizmente, merecedor, do carinho de alguns parlamentares illustres, á frente dos quaes se acha Augusto de Lima, artista de rija envergadura nas pugnas do progresso intellectual brasileiro.

Já aqui temos a Sociedade Mineira de Bellas Artes que, sem alardes e a demagogia, tão do sabor da época que atravessamos, vae em silencio fazendo um trabalho fecundo, um trabalho em que jamais será vencida a pertinacia dos seus directores.

O trabalho de propaganda artistica, numa época em que a arte é atirada a um segundo

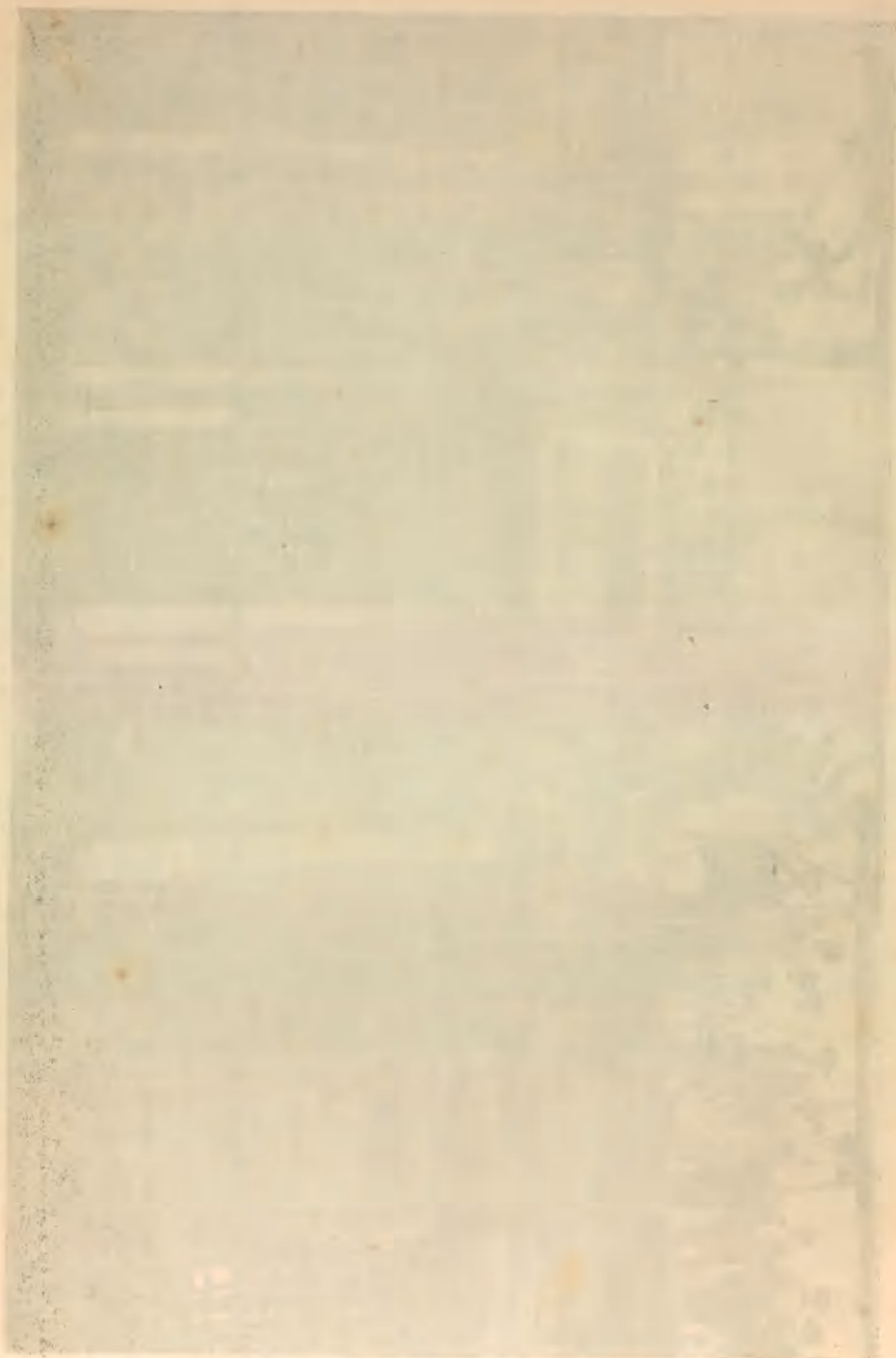


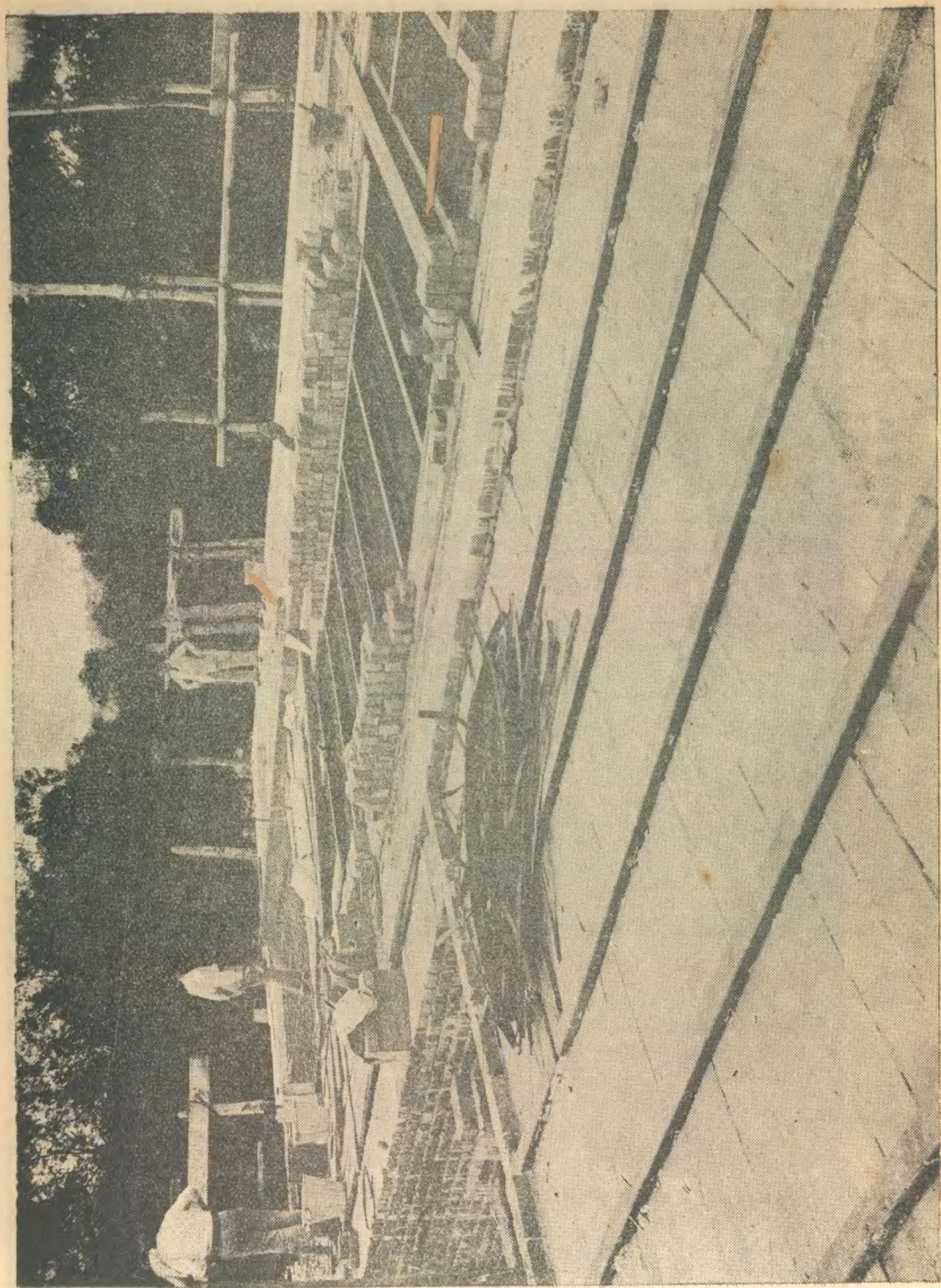
Estação de Bello Horizonte. Assentamento da ultima peça de cantaria pelo Engenheiro-chefe da construção, da E. F. Central, dr. Pires e Albuquerque.
(Empreitada do Engenheiro A. G. Gravata)

Handwritten text, likely a title or header, oriented vertically.

Handwritten text, likely a title or header, oriented vertically.

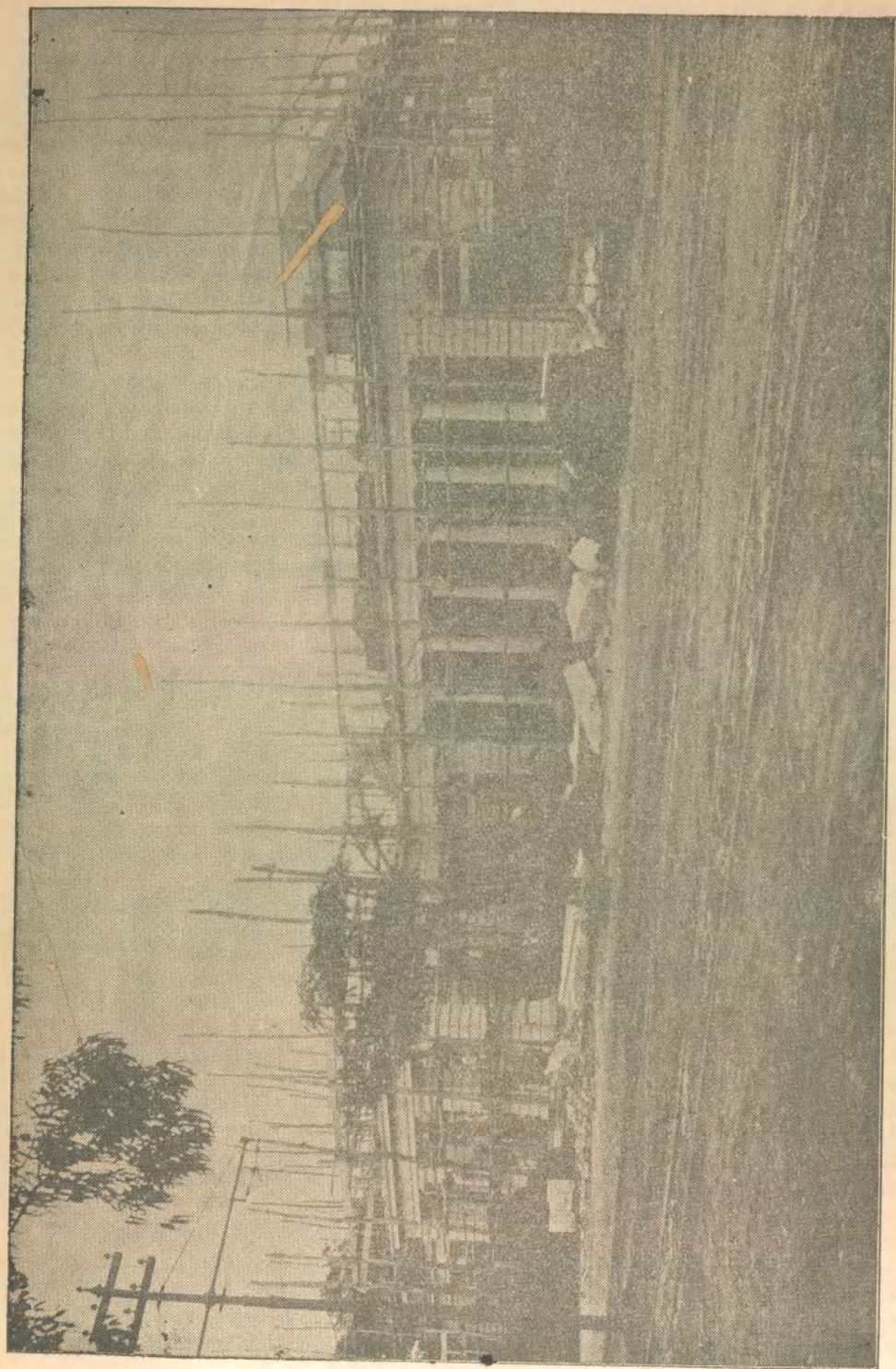
Handwritten text, likely a title or header, oriented vertically.





Estação da Central. Serviço em cimento armado no primeiro pavimento
(Empreitada do Engenheiro A. G. Gravata)





Estação da Central. Vista geral da obra de cantaria executada em Bello Horizonte e Capella Nova.
Empreitada do Engenheiro A. G. Gravata),

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILL. 60637
1968



dano, humilhada e quasi vencida, deve se-
 ssim mesmo: lenta, discreto mas pertinaz e
 sobre.

Sabemos bem que os direitos dos artistas
 são conspurcados, que os pedintes das si-
 tuações, em geral invalidos de espirito e de
 character, conquistam de assalto, amparados
 pelos pistôdes políticos ou sentimentaes, os
 logares que deveriam ser apenas occupados
 pelos homens de acção, de energia, sincere-
 ros e cumpridores dos seus deveres profissio-
 naes.

O trabalho, pois, dessas associações será
 fatalmente, irrevogavelmente, de utilidade. Já
 se pode dizer que o está sendo no momento
 presente em que os valores estão surgindo
 para occuparem os seus devidos logares na
 communhão social brasileira.

Bem haja assim o esforço dos novos pio-
 neiros, que agitam tão bella quão nobre cru-
 zada pelo theatro brasileiro, mais rico e forte
 de intelligencias do que pensam os nossos
 eternos pessimistas literarios e criticos... Fi-
 caram assim consttiuidos os conselhos director
 e administrativo da Sociedade Theatral Mi-
 neira.

Conselho director—drs. Mario de Lima,
 Noraldino Lima, Laercio Prazeres, Oswaldo
 Araujo, Maestros Arshman, Flores e Ramos
 de Lima e srs. Thomaz Naves, Abgar Re-
 nault, Negrão de Lima e Augusto Couto;
 corpo administrativo: dr. Carlos Góes, pro-
 fessor Anibal Mattos, Castro Vianna, Ave-
 lino Foscolo, Aldo Delfino, Assis Vianna, Odi-
 lardo Costa e Joaquim Maciel.

Rimas de hontem...

Soneto

Ha tormentos sem nome, ha desenganos
 Mais negros que o horror da sepultura;
 Dôres loucas, e cheias de amargura,
 E momentos mais longos do que annos.

Não são da vida os passageiros damnos
 Que dobram minha frente; a desventura
 Eu a desdenho... A minha sorte dura
 Fadou-me dentro d'alma outros tyrannos.

As dores d'alma, sim; ella somente
 Algoz de si, acha um prazer cruento
 Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh! isto é que é sofrer! Nenhum tormento
 Vale um gemido só da alma tremente
 Nem seculos as dores de um momento.

1828—1861

Aureliano Lessa

...e de hoje

Coração desiludido

(A DELORIZANO MORANG)

Emquanto a noite silenciosa avança
 Envolta no manto de viuvez,
 Ponho os olhos no céu todo bonança
 Sorrindo em astros, para mim, talvez...

Penso que o meu Destino já se cansa
 De fazer tanto mal como me fez..
 —E o luar esmeraldino da Esperança
 Doira o céu de meu Sonho ainda uma vez.

Meu coração, porém, não se illumina
 Desse verde clarão enganador,
 Pois bem sabe que é negra a minha sina...

E é como o carrilhão de meu sol pôr
 Que—num dobre de funebre surdina,—
 Chora a finados pelo meu Amor...

Baptista Santiago

A nova Estação da E. F. Central em Bello Horizonte

Ainda não ha muito tempo dizia o illustre
 director da E. F. Central, sr.dr. Assis Ribeiro,
 que a nova Estação de Bello Horizonte será
 uma das melhores de todo o Brasil. Do mes-
 mo modo se tem externado varios technicos
 quanto á magnificencia desse edificio, lançado
 em bom e nobre estylo e admiravelmente con-
 struido. A sua obra de pedra chegou a um re-
 quinte pouco commum em obras do mesmo
 genero. Com satisfação, ao dar algumas pho-
 tographias do monumento, reproduzimos um
 excellente artigo do nosso collega «Mi-
 nas Geraes», que resume toda a evolução da
 obra e estuda a sua parte de cantaria recente-
 mente inaugurada com grandes festas aos
 operarios, que, da excellente materia prima

mineira de Capella Nova, arrancaram toda a belleza architectonica do primeiro pavimento



Dr. Pires e Albuquerque, digno engenheiro-chefe da secção de construção da E. F. Central do Brasil

do palacio. Assim se expressou o «Minas Gerais» em seu numero de 24 de dezembro do anno findo:

As obras de pedraria da nova Estação da Central em Bello Horizonte

Já havíamos registrado nesta folha, em uma de nossas várias, a grata impressão produzida por uma bella e elegante columna de granito, admiravelmente lustrada e que, com outras figurará no vestibulo do novo edificio da Central em adeantada construcção. Como complemento á rapida impressão anterior, podemos hoje, após seguras informações, dar uma desenvolvida noticia desse monumental trabalho, actualmente em andamento rapido e seguro. O actual director da Oeste de Minas, quando dirigia a secção de construcção da Central, preoccupou-se em projectar o magnifico edificio da estação desta cidade; e, em tal trabalho, esmerou-se para que, em harmonia com as necessidades especiaes de uma edificação desse genero, não faltassem os requisitos de belleza architectonica, e não vacillou em adoptar a cantaria, que tão sobria quão majestosa imponencia imprime ás con-

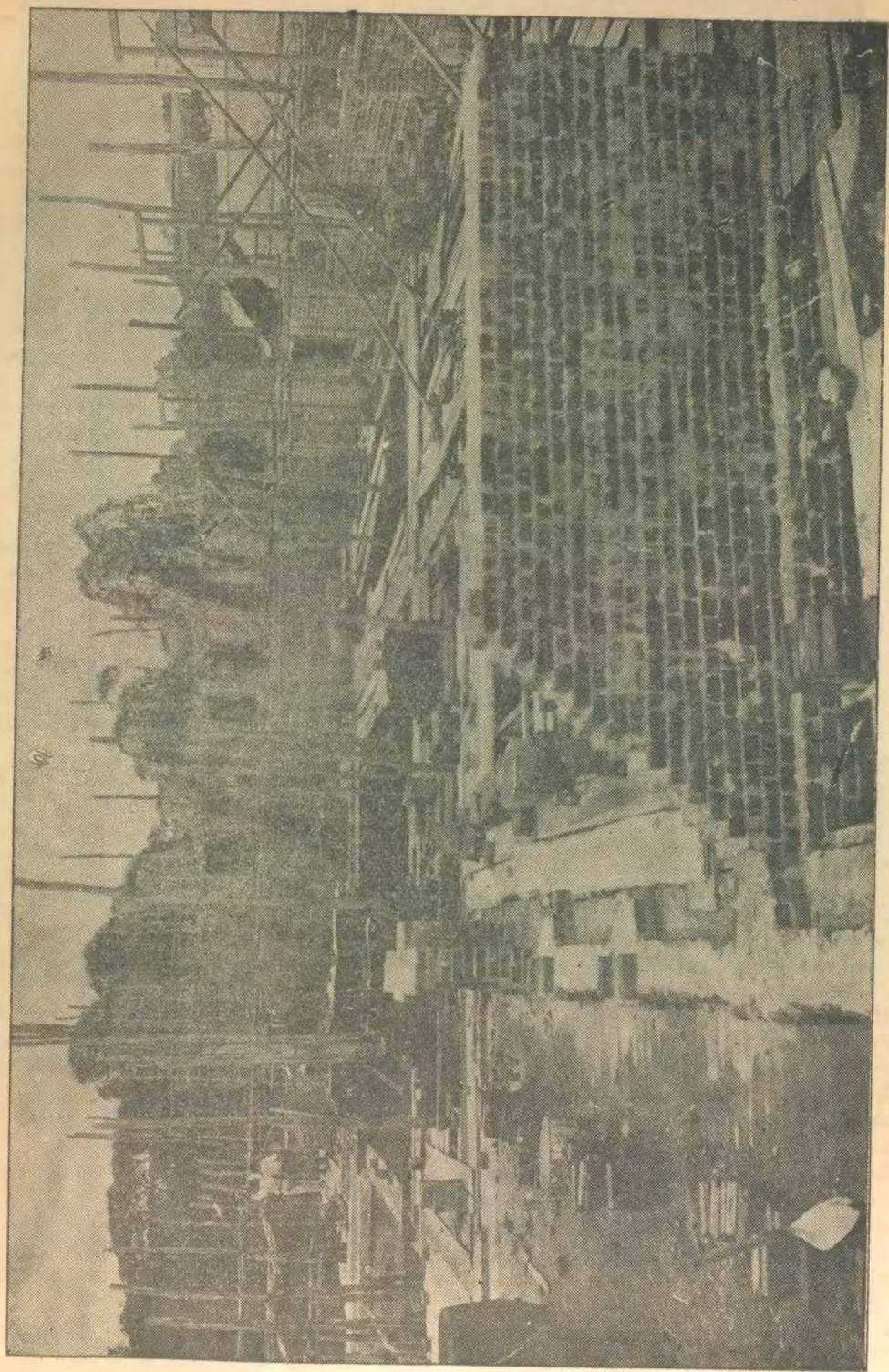
strucções de tal magnanitude. Ao architecto Luiz Olivieri foi entregue a execução do projecto assim delineado. Felizmente succedeu que da construcção dessa obra fosse incumbido o empreiteiro que dispunha da pedreira mais bem montada deste Estado, com um completo aparelhamento moderno de ar comprimido.

[[O director da Central, apesar de reconhecer as difficuldades que a obra apresentava, insistiu pela sua execução, conforme estava projectada, o que se está fazendo, sem esmorecimentos, atravez dos maiores sacrificios, e, felizmente, em vespera de completo exito.

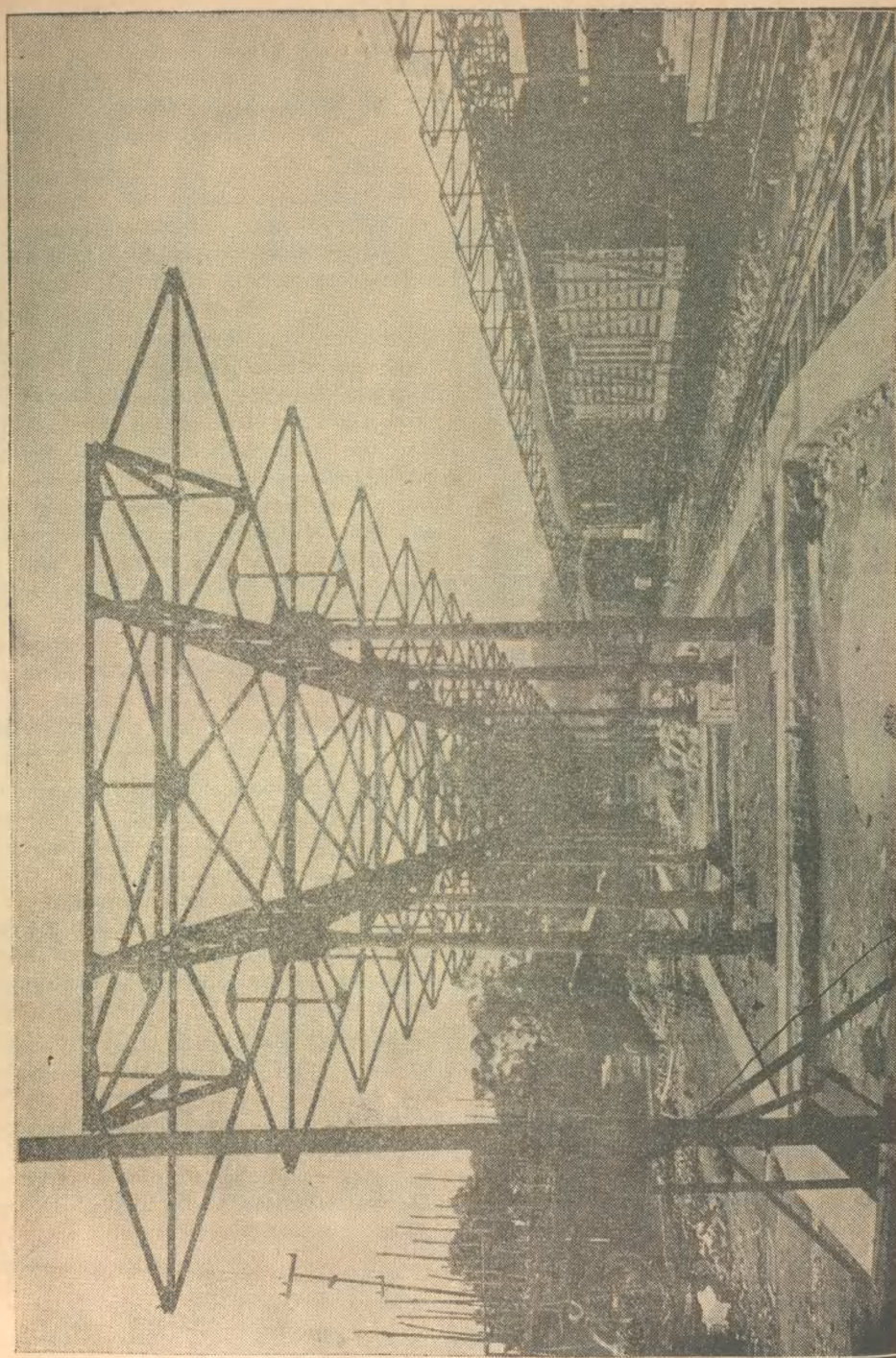
O illustre chefe da secção de Construcção da Estrada—o sr. dr. Pires e Albuquerque, com verdadeiro empenho e satisfação vê, sob a sua competente direcção, a marcha brilhante da empreitada. Trabalho de tal vulto, tendo por base a cantaria de aparelho finissimo, que demanda um paciente esforço, a que não está alheia, ao lado da feitura material, uma incontestavel intervenção artistica, a sua marcha teria de ser de algum modo lenta, isto é, compativel com a perfeição desejada, e, aliás, bellamente conseguida.

Verificado que silharias e columnas, cantos e cornijas se harmonizavam em conjuncto imponente e monumental, era necessario que as columnas internas, situadas no vestibulo, não destoassem do exterior do edificio, e, por sua vez, não se tornassem pesadas para o aspecto do interior. Dahi o serem estudados os marmores de Mar de Hespanha, de Arco Verde e Pitanguy, que, embora de bello aspecto, ainda não haviam sido applicados para obras de tal importancia. Tambem se puosue na applicação de marmores italianos, em pedras plasticas e até em cimento armado, sem que, em boa hora, taes materiaes pudessem offerecer a solução especial para um problema em que entravam em jogo a perfeição, o prazo para entrega da obra, e, porque não dizer a verdade toda, o desejo firme de se tober o supremo de perfeição e belleza com o proprio material até então empregado: a excellente pedra mineira de Capella Nova.

De tal modo estavam sanados os inconvenientes de altos dispendios e da difficuldade—si não impossibilidade—de se obterem blocos de marmore nas dimensões desejadas. Começaram ahí as tentativas diversas para obter-se



Estação da E. F. Central. Elevação do primeiro pavimento.
(Empreitada do Engenheiro A. G. Gravata)



Armação metálica das plataformas da Estação

na feitura da cantaria um accrescimento de cuidado na superficie apparente.

Por mais que fosse essa superficie a fino cinzel modelada, não deixava de apresentar inconvenientes graves sob o ponto de vista esthetico e mesmo hygienico. Basta lembrar o effeito desagradavel que apresentam as columnas da estação de Juiz de Fôra.

Houve ahi oportunidade para que o habil feitor das peças de cantaria em Capella Nova, o sr. Claro, puzesse em evidencia, não só o saber de longa experiencia do seu officio, mas tambem a sua acurada observação. Em uma das suas viagens ao Rio, em busca desses admiraveis canteiros portuguezes, que aqui perpetuam os conhecimentos dessa arte admiravel que tanto cooperou para a gloria do grande architecto da Batalha, esse feitor trouxe amostras de granito polido de varias pedreiras. O effeito esthetico, e as condições hygienicas de tal material já eram bastante apreciaveis e isso vem inspirar a primeira experiencia de brunir e lustrar o granito aqui, das admiraveis pedreiras de Capella Nova do Betim.

O primeiro bloco e um capitel á preparados resolveram o problema sob o ponto de vista hygienico, mas ainda falhava quanto á esthetica. O sr. dr. Pires e Albuquerque insistiu pela execução do trabalho de lustre das columnas do vestibulo, resolvendo que, para isso, se escolhessem, dentre columnas feitas, as que fossem mais claras e que maior numero de veios apresentassem.

Applicado e sensivelmente melhorado o processo de burnir conseguiu a Estrada, sem vacillar, podemos affirmar-o, um dos mais bellos monumentos dentre os que de tal natureza possuímos. Nenhum granito pode ser, em nosso paiz, considerado mais bello que o de Capella Nova, principalmente com a nobreza do aspecto, que apresenta após o burnido e o lustre.

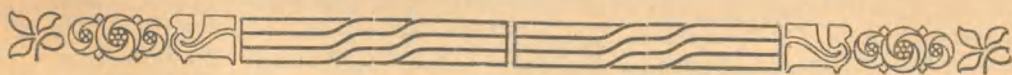
A estação de Bello Horizonte não deve temer confronto com outra qualquer do Brasil, especialmente sob o ponto de vista nacional da execução e da materia prima empregada.

Si o sumptuoso vestibulo da nova estação fosse ornado com as mais finas columnas de marmore de Carrara, não offerceria em conjuncto o valor esthetico e architectonico do granito burnido das pedreiras mineiras.

Vem a proposito lembrar que o resultado obtido no polimento do granito provem do emprego do carborundum, material de longa data applicado em taes misteres. Não nos esqueceremos de frisar que, desde as mais remotas épocas, é usado o granito burnido. Na grande pyramide de Cheops, que através dos seculos contempla a humanidade, segundo a phrase napoleonica, já se encontra, nos detalhes tumulares do seu interior.

Entre nós ainda não está devidamente desenvolvida a industria do granito, que é communmente transformado em laminas por meio de serras mechanicas de typos variados, dos quaes são de mais interesse as serras circulares, as de fio de aço de grande extensão, e as de diamante negro. Eis ahi como o nobre granito de nossa terra se reabilita por uma feliz insistencia de homens que amam o que é nosso e se orgulham de fazer valer as nossas riquezas naturaes. E o fazem com arte porque, na propria Italia, a terra dos marmores artisticos, é o granito *piacevole colorazione, alto al taglio ed occorrendo al polimento, la pietra superlativamente monumentale*.

Assim o comprehendem o illustre director da Central e o seu dedicado e competente auxiliar engenheiro chefe da construcção, insistindo pela feitura da obra de cantaria, que ao dr. Caetano Lopes, se afigurara indispensavel á grandezza do edificio. E' de notar com satisfação a harmonia de vistas que sempre presidiu á organização esthetica desse monumento architectonico.



Sabonete de Haya

FORMULA DO DR. ANTONIO ALEIXO PRO-
FESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA
DE BELLO HORIZONTE E ESPECIALISTA
CONSAGRADO EM MOLESTIAS DA PELLE

Serraria Silverio Silva

Grande serraria, marcenaria e carpintaria
Madeiras e materiaes para construcção

A. G. GRAVATÁ

ENGENHEIRO CIVIL CONSTRUCTOR

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "GRAVATÁ"

AV. TOCANTINS, 729 — TELEPHONE, 727

===== BELLO HORIZONTE =====

OBRA DE ANIBAL MATTOS

A venda em todas as livrarias

Annita Garibaldi, empolgante drama historico em 3 actos e 9 quadros, em verso alexandrino — prefaciado pelo dr. Fausto Ferraz. Brochura 3\$000.

Extrema-Unção, peça em um acto em verso, cartanagem rica em panno phantasia 2\$500.

Canção da Primavera, comedia em 3 actos, em prosa — grande successo theatral de Bello Horizonte.

Brochura—2\$500.

Encadernado em panno phantasia—4\$000.

Encadernado em percaline — 4\$000.

No prelo: *Quem deve perdoar...* peça em um acto.

Ponto final, grand-guignol, em um acto.

LIVRARIA MORAIS

Livros francezes, americanos, argentinos, hespanhóes, inglezes, italianos, portuguezes, etc. Jornaes e revistas. Serviço especial de encomendas com a maior urgencia. Correspondentes em: Paris, Londres, Milão, Turim, Leipzig, Porto, Lisboa, Madrid, Buenos Aires, Nova York.

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ANTONIO PINTO DE MORAIS

Av. Afonso Penna, 776—Telephone, 461—Bello Horizonte

Joias e objectos antigos

Comprá-se a preços bom

Correspondencia para

A. Pinto

Redacção da "Novella Mineira"

Grande Refinaria de Assucar

MOVIDA A ELECTRICIDADE

N. A. Santos & Cia.

— COMMISSARIOS —

Cereaes e outros generos do paiz e do estrangeiro, por atacado — Conservas — Molhados — Ferragens grossas e meudas — Materiaes para construcções — Machinas, etc.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

FABRICA, ARMAZEM E DEPOSITOS:

RUA DA BAHIA, 308

TELEPHONE 326 — CAIXA POSTAL, 52

CODIGOS: RIBEIRO E PARTICULAR

ESCRITORIO: RUA RIO DE JANEIRO, 331

TELEPHONE 387 — ENDEREÇO TELEGRAPHICO: «N. A. SANTOS» — BELLO HORIZONTE

DR. RAMIRO BERBERT

Assistente de Clinica Pediatrica Medica da Faculdade de Medicina. Medico do Hospital de S. Vicente de Paulo. Medico do Dispensario de Prophylaxia da Syphilis e Doenças Venereas. Especialista em syphilis e molestias da creança.

CONSULTORIO: Avenida Afonso Penna, 756

(Edificio do Cinema Pathé)

Consultas: De 3 ás 5 horas Telephone, 285

Residencia: — Rua Espirito Santo, 834 — Telephone, 45

BELLO HORIZONTE

EMPRESA EDITORA

«Novella Nacional»

BELLO HORIZONTE

— DIRECTOR LITERARIO E ARTISTICO —
Professor ANIBAL MATTOS

Brevemente:

QUEM DEVE PERDOAR, peça em 1º acto
PONTO FINAL, grand-guignol em um acto

Aos candidatos á força e a energia muscular

A uma assimilação perfeita dos alimentos digeridos pelo estomago, aconselha-se o uso do

VANATONICO

o regenerador moderno dos organismos fracos, que tem hoje o seu
attestado na voz do povo

Vanatonico É RECOMENDADO

Para as senhoras magras e nervosas,
Para as moças pallidas e doentes,
Para as creanças magrinhas e rachiticas,
Para os homens nervosos e enfraquecidos,
Para os velhos exgotados e fracos.

Desenvolve as forças e aumenta os globulos sanguineos

USAL-O E UM DEVER. E NÃO USAL-O, UM CRIME

A'VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL

PEDIDOS A

== ORESTE RODRIGUES & COMP. ==

BELLO HORIZONTE

LENHARIA BRAZIL

DE

Cardoso & Moreira

Vendas por atacado e a varejo, de lenha de primeira qualidade, com machado mechanico e serra circular, recebe edcomenpa de madeira para anda-me, e morões e madeiras lavrada de diversas qualidades

R. Ramal, 1584 — BELLO HORIZONTE — Telephone 355



